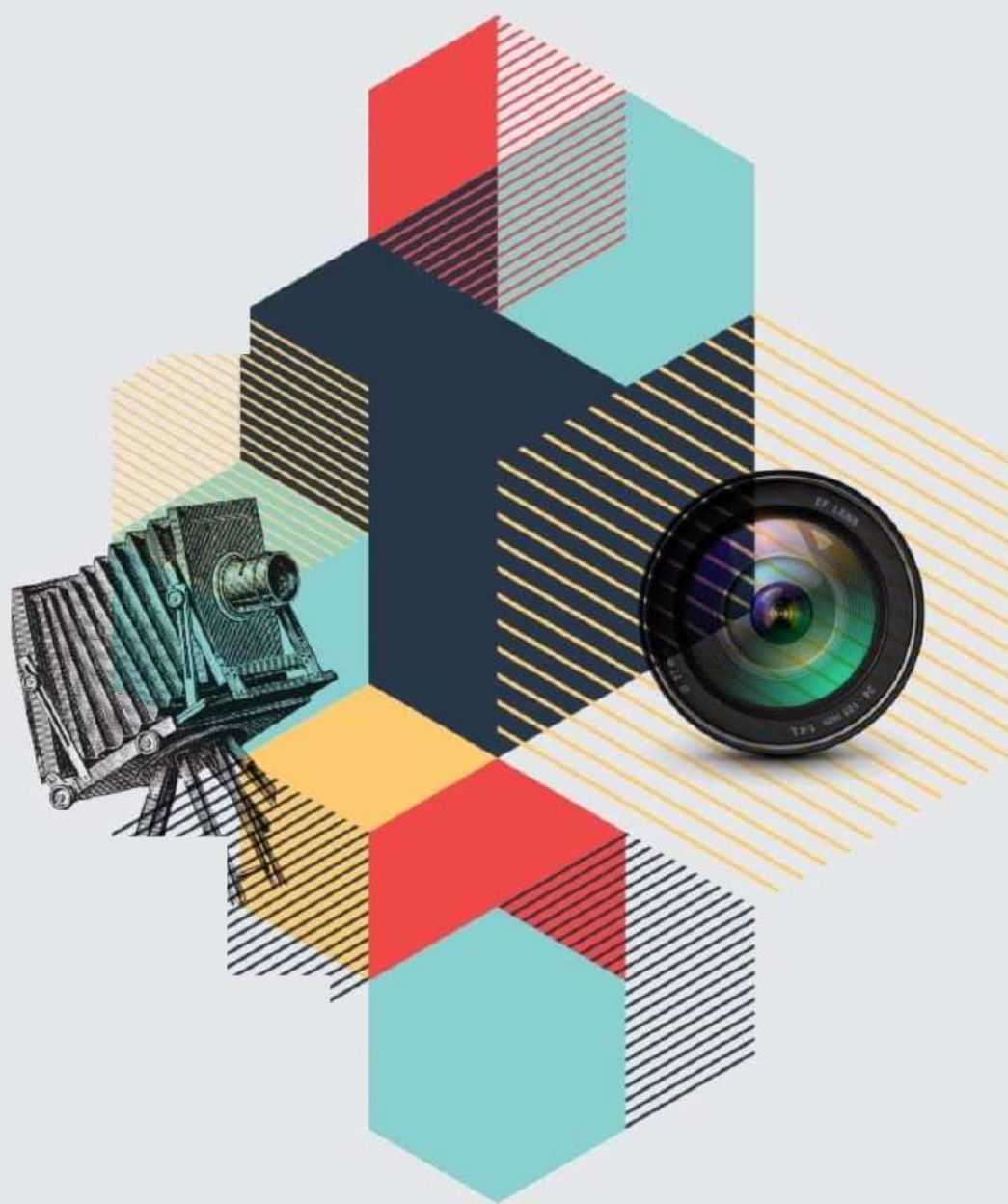


Passado e presente

UM INSTANTE DE VIDA CAPTURADO



APRESENTAÇÃO

É com imenso prazer que apresentamos este e-book, uma coletânea de crônicas originais criadas por nossos estudantes para o Concurso Literário de 2023. Inspirados pelo tema “Passado e presente: um instante de vida capturado”, os participantes transformaram fotografias em narrativas repletas de sensibilidade e imaginação.

Cada crônica deste e-book é um convite para revisitar memórias e momentos capturados em imagens, revelando histórias que transitam entre o real e o imaginário. Ao longo das páginas, você encontrará olhares únicos sobre o poder das fotos em preservar emoções e instantes que jamais serão esquecidos.

Seja transportado por textos que ressignificam o tempo e conectam passado e presente, explorando a relação entre imagem e palavra. Crônicas que demonstram o talento criativo de nossos jovens autores e sua capacidade de transformar imagens em histórias.

Prepare-se para uma leitura emocionante, onde a literatura e a fotografia se entrelaçam para capturar a beleza da vida.

Sumário

O JET SKI Ana Clara Odorizzi Ramalho Fragoso	4
Praia 2023 Erick Ilkiu Carneiro dos Santos	5
Uma viagem inesquecível Helena Tozin Perretto.....	6
Sentimentos que vem e vão Isabela Teixeira Zaratini de Oliveira e Silva.....	7
Uma viagem para a dor Larissa Saliby Tizzot Bezerra Alves	8
Memória que Fica Maria Luiza Marques	9
A vida de lá Marina Alves Domingues.....	11
O pedaço de bolo Miguel Fuggi Lopes.....	13
Uma viagem praiana Vitoria Saliby Tizzot Bezerra Alves	14
Entre Bico, Penas e Agora, Saudade Arthur Trilinski Backes.....	15
Passado e presente: um instante de vida capturado Flávia Alessandra Oswaldo Letti	17
10 de maio de 2023 Giovanna Retechuki Ferreira Da Cruz	18
O amor da minha vida Giselle Guerra da Costa Dias.....	19
Um dia mais que especial Isabele Creplive Brauer	20
Uma tarde divertida no Jardim Botânico Isabella Leandro Moraes Ferreira	21
O Passado Em Uma Tela Maria Eduarda Ribeiro Vilela.....	23
Lembranças à beira da orla. Maria Fernanda de Jesus Polegatti.....	24
Entre Amigas Helen Vidolin de Souza.....	25
Botas Isabelly Polli.....	27
O pequeno violão de aniversário Luis Vinicius Lakes Wille	28
Espírito de shopping Luiz Felipe Fortes Botelho	30
Um encontro de almas Sofya Mya Fonseca.....	32
Duas amigas Yasmin Vitória Sznicer Krüger.....	34
Som das Ondas Ana Júlia Merlo Ferreira	35
“O lugar melhor” Arthur Bussolaro Kozak.....	37
O atalho Giovana Tozin Perretto.....	39
O dia mais terrível de todos Letycia Casselli Quoos	40
Uma viagem nostálgica pelas lembranças Luna Giovana Ferreira de Oliveira	42
Bela, bela manga Manuela Catiste Freiburger	44
Crônica Maria Eduarda de Azevedo.....	45
Crônica Nathalia Maria Souza Da Silva	46
A felicidade e suas aparições. Raphaela Picheth Bernardes de Oliveira.....	47
Dois sonhos, duas meninas realizadas... Sophia Mariah Garcez	49
Um dia nos palcos Ana Luiza Moreira Cardoso	51
A viagem que vai mudar a minha vida Fernanda Manzolli Sobrinho	53
O doloroso silêncio juvenil Izabel Klaumann Bescorovaina.....	55
A vinda de uma criança pode mudar uma família Lívia Giorgia Fadel Ferreira dos Santos	58
Um dia na praia Maria Clara Prochnow.....	59
A Rua Ana Julia Siqueira de Campos	61
Dia dos pais Beatriz Franco de Godoy.....	63

Essas Coisas Sobre Irmãos e Heróis Eduarda Pizzatto Minatti.....	64
O relógio da Rua 24 horas Fernanda de Oliveira Picolotto Testa.....	66
Cabeça vazia Gabriele Martins Assolari.....	68
O melhor de mim Giovanna Wolter Cioffi	70
O passeio no parque, os amigos e a máquina de refrigerantes. João Felipe Rebuski Estrada	72
O Legado da Sala de Estar Júlia Monkolski Tatarem.....	74
Se não der pé Larissa Francisco Marques.....	76
As Reflexões da Praia Mariana Monkolski Tatarem	78
As Horas Mariana Vitória Gogola.....	80

O JET SKI

Ana Clara Odorizzi Ramalho Fragoso

Desde quando eu era pequena, com mais ou menos 5 anos de idade, eu tinha o sonho de ter um jet ski rosa neon.

No dia 6 de outubro de 2021, que era o dia em que completei 9 anos, o meu pai e a minha mãe me fizeram uma surpresa: eles me deram um jet ski de presente de aniversário. Ele não era rosa neon, mas eu amei do mesmo jeito. A sensação que senti era como se eu tivesse achado um cachorro na rua e minha mãe tivesse deixado eu ficar com ele.

Quando andei com ele pela primeira vez, eu me senti leve como um pássaro, voando pelos ares, como se estivesse no paraíso. Depois de uns 10 minutos andando e rodopiando com o jet ski, eu e meu pai percebemos que ele não estava mais saindo do lugar. Então, nos tocamos que o jet ski estava atolado no mangue.

Ficamos lá a tarde inteira tentando sair, e o pior é que nem conseguimos carregar o jet ski para fora daquele lamaçal, por ele ser muito pesado. Até que, por volta das 16h ou 17h, vimos um barco passando bem perto e pedimos ajuda. Ele disse que poderia guinchar o jet ski e nos dar uma carona até onde estava o nosso carro.

Quando chegamos em casa, minha mãe falou que estava preocupada e que estava tentando ligar para o celular do meu pai há algum tempo. Respondemos que onde estávamos atolados não tinha sinal e que a água era muito funda para nadarmos até uma praia.

Bom, depois disso, meu pai e eu pegamos um trauma do jet ski e o vendemos para uma companhia náutica.



Praia 2023

Erick Ilkiu Carneiro dos Santos

Eu fui a uma praia, em 2023, com quase toda a minha família por parte de mãe. O trajeto da viagem durou cerca de uma hora e meia e, chegando lá, fomos direto para a praia, porque ficamos em uma casa de praia alugada que era literalmente ao lado da areia. Teve um momento em que enterramos meu primo até o pescoço, e acabou indo um pouco de areia na boca dele, mas foi muito divertido.

No mesmo dia, à noite, minha prima Eduarda e eu ficamos lendo livros. Lembro que ela passou o tempo todo pedindo um Kindle. No segundo dia, logo pela manhã, fomos à praia. Estava um pouco nublado, mas deu para aproveitar.



Perto do entardecer, fomos a uma feirinha, onde comprei uma pulseira, mas acabei perdendo-a na escola alguns dias depois. Minha irmã comprou um colar de ametista feito à mão, muito bonito. Depois fomos a uma sorveteria, e eu comi tanto que quase passei mal. Talvez tenha sido porque peguei quase todos os sabores de sorvete e açaí. Estava tudo delicioso. Quando voltamos para casa, jogamos Uno com todos os primos (eu, Nicole, Gregory, Marcus e Eduarda), e o jantar foi macarrão com pão de alho.

No terceiro e último dia, choveu pela manhã, então ficamos em casa. Lembro-me de que jogamos um jogo chamado "Cai ou Não Cai", e ele caiu várias vezes. Depois jogamos Uno novamente. Após isso, almoçamos, mas só me lembro da sobremesa: um geladinho.

À tarde, meu primo Lucas, os pais dele e eu fomos caminhar, e ficamos comentando sobre qual casa achávamos mais bonita.

Enfim, esse passeio foi muito legal.

Uma viagem inesquecível

Helena Tozin Perretto



No feriado de sete de setembro, minha mãe, minhas três irmãs e eu viajamos para o litoral do Paraná. Saímos de casa na quarta-feira, ao meio-dia, para evitar trânsito, e até aí tudo estava bem. Quando já estávamos na Serra do Mar, o volante começou a tremer. Minha mãe reduziu a velocidade, pois não sabia o que poderia ser, e seguimos assim até chegar à praia.

Antes de chegar à casa de praia, decidimos passar no mercado. Quando minha mãe fez a curva para entrar no estacionamento, o carro fez um barulho muito alto e parou de andar. Minha mãe ligou para o meu pai, que estava trabalhando em Curitiba, mas ele não podia fazer nada naquele momento. Estava chovendo, e minhas irmãs e eu estávamos nervosas. Minha mãe nos acalmou, deixamos o carro no mercado e fomos procurar um guincho.

Enquanto esperávamos o guincho, minha irmã mais velha comprou o que minha mãe havia pedido no mercado. Quando o guincho chegou, ele nos levou até a casa de praia. Foi muito divertido, porque fomos dentro do carro em cima do guincho!

Agora, a preocupação era a volta para Curitiba. Meu pai conseguiu um guincho para trazer outro carro até nós e levar o nosso, que estava quebrado.

E assim começamos nosso feriado, que acabou sendo muito divertido e inesquecível.

Sentimentos que vem e vão

Isabela Teixeira Zaratini de Oliveira e Silva

No dia 20 de outubro deste ano, uma data que para muitos brasileiros é apenas mais um dia normal, foi muito especial para mim. Tenho certeza de que precisarei de muito tempo para esquecê-la.

O dia começou cedo, com o som do despertador que tanto desprezo. Mesmo tendo que lidar com a confusão que é ter pais separados, os diversos sentimentos e as sensações que isso causa, eu estava, até que, feliz.

Ao descer as escadas, me delicieei com um maravilhoso sanduíche de queijo e presunto. Na primeira mordida, experimentei uma sensação que nem consigo descrever com palavras... Talvez eu tenha exagerado. Mas quem nunca exagerou um pouquinho?

Após o café da manhã, fui vestir a tão prestigiada camiseta do nosso time no campeonato Secoba. Na verdade, eu só a vesti porque meus colegas pensaram em algo que fosse bom para todos, mas, na minha opinião, não deu muito certo — eu não gostei dela. Porém, o que importa, com certeza, é participar e se divertir.



Ao chegar na escola, encontrei minhas amigas mais especiais. Lá estavam pessoas às quais devo muitas satisfações: Julia, Gabrielle e Clara. Cada uma delas tem uma existência muito valiosa para mim.

Na quadra onde nosso jogo de basquete aconteceu, os adversários admiravam a beleza dos nossos cartazes, balões e da nossa torcida vibrante, composta por pessoas que mereciam ganhar uma medalha por trabalho em equipe. Pena que o regulamento do campeonato não incluía essa categoria.

Quando ganhamos o primeiro jogo, uma gritaria ensurdecadora tomou conta da quadra. O som dos balões estourando parecia fogos de artifício, e a sigla que ecoava por toda parte era "6MC", o nome da nossa turma, claro.

A cada jogo, eu sentia uma emoção diferente. Mesmo com um sorriso estampado no rosto e um olhar de felicidade, sabia que os momentos de tensão e resistência eram os que mais provavam nossa força — tanto física quanto emocional.

No final do último jogo, vivi o momento mais marcante do ano para mim. Eu me sentia exausta, quase sem voz. Ainda assim, tive uma sensação que vou lembrar por muito tempo. É a mesma que sinto quando escrevo ou quando estou com pessoas que gostam da minha companhia. Ambas são tão maravilhosas que dá vontade de repetir muitas e muitas vezes.

E você, já sentiu algo assim?

Uma viagem para a dor

Larissa Saliby Tizzot Bezerra Alves

Quem nunca se machucou? Eu, por exemplo, já me machuquei muitas vezes. Uma dessas vezes foi durante uma viagem da minha família para Sorocaba, onde visitamos a casa dos meus tios. Eu estava brincando com minha prima na rua, já que eles moram em um condomínio. Mas, voltando ao assunto da crônica...

Estávamos andando de skate e hoverboard, até que, em um momento, quando eu estava no hoverboard, caí! A dor foi horrível, e estava sangrando muito! Fomos até a minha tia para pedir que colocasse um curativo. Depois que ela cuidou do machucado, ficou um pouco melhor, mas ainda doía bastante.



No dia seguinte, voltamos à casa dos meus tios. Dessa vez, minha outra prima e meu primo estavam lá também. Eles não são meus primos de verdade, mas eu os considero como se fossem. Minha prima pediu que eu desse um impulso no skate para ajudá-la a andar. Num desses impulsos, acabei caindo de novo — e, para piorar, machuquei exatamente o mesmo lugar de antes. Dessa vez, começou a sair pus, e eu chorei de tanta dor. Mas, no final, deu tudo certo.

Depois disso, começamos a jogar videogame, e o clima ficou mais leve. Dormimos na casa da minha prima e, quando acordamos no dia seguinte, chegou a hora de ir embora. Fiquei muito triste ao me despedir deles. Entrei no carro, e voltamos para Curitiba.

Memória que Fica

Maria Luiza Marques

Hoje vou contar a história de uma linda garotinha chamada Gabi. Ela estava muito animada, pois era a primeira vez que iria à praia. Durante o trajeto, não parava de perguntar:

— Estamos chegando, mamãe?

E sua mãe respondia pacientemente:

— Calma, Gabi! Já estamos chegando!

Quando finalmente chegaram, uma chuva inesperada os obrigou a correr para o hotel. Gabi ficou extremamente triste, já que estava ansiosa para brincar na areia. Foi então que sua mãe teve uma ideia brilhante: ir até a piscina coberta do hotel. Porém, ao chegarem lá, perceberam que todos tiveram a mesma ideia, e a piscina estava lotada. Sem outra opção, voltaram para o quarto, mas o tédio logo bateu. Resolveram então ir ao buffet em busca de algo saboroso para comer. Felizmente, encontraram muitas delícias, o que melhorou um pouco o humor de Gabi.



Depois disso, voltaram à piscina e perceberam que ela estava vazia. No entanto, a mãe de Gabi lembrou que sua filha não sabia nadar. Decidiram então ir ao centro da cidade comprar algo que ajudasse. Lá, encontraram diversas boias e modelos, mas a mãe optou por um colete salva-vidas, que seria mais seguro. Voltaram ao hotel e, finalmente, puderam aproveitar a piscina.

Horas depois, já cansadas, foram ao quarto descansar. Foi então que se depararam com algo — ou alguém — dormindo na cama. Assustadas, a mãe de Gabi correu para chamar o gerente do hotel, mas ele não deu importância ao relato.

Sem opção, decidiram investigar por conta própria. Ao se aproximarem, ouviram um som estranho, semelhante ao choro de uma criança. Quando finalmente tiveram coragem de ver o que estava ali, as luzes do hotel caíram, mergulhando tudo na escuridão. O quarto foi tomado por gritos vindos da cama. Determinada, a mãe de Gabi decidiu acabar com o mistério e pegou a criatura em seus braços. Foi então que perceberam que era apenas um bebê.

Rapidamente, foram até o gerente novamente, e, dessa vez, ele as ouviu. Em poucos minutos,

os pais do bebê apareceram e o levaram, aliviados.

Após esse episódio, Gabi e sua mãe olharam pela janela do hotel para conferir se a chuva havia parado. Para sua surpresa, o sol despontava entre as nuvens, iluminando um lindo arco-íris no céu.

Elas se arrumaram para finalmente aproveitar a praia. Na varanda do hotel, em frente ao mar, a mãe de Gabi tirou uma linda foto da filha.

Assim que chegaram à praia, Gabi sentiu a melhor sensação de sua vida: a areia entre os dedos, as ondas frias do mar molhando suas pernas, o cheiro do milho com manteiga... Porém, como tudo que é bom dura pouco, chegou a hora de se despedirem da praia e do hotel.

No caminho de volta para casa, com o coração apertado, Gabi refletia sobre a linda foto tirada por sua mãe e sobre as palavras dela:

— Passado e Presente: Um Instante de Vida Capturado.

Quando chegaram em casa, restaram à Gabi apenas as memórias de um dia inesquecível, que nunca mais se repetirá.

A vida de lá

Marina Alves Domingues



Quem não gosta da casa da vó?
A grama verdinha, o sol bem quente e aquele cheirinho de bolo escapando pelas janelas entreabertas. Essa sensação é maravilhosa!

Naquele dia, duas meninas chegaram animadas e logo veio a ideia: por que não brincar de comidinhas com folhas e flores caídas das árvores? Mas faltava um fogão. Então começou a busca por algo que pudesse servir. Em meio aos pássaros voando e às galinhas cacarejando, correram até a oficina do vô.

Lá dentro, em meio a coisas velhas que já deviam estar no lixo, entre madeiras e gaiolas antigas, encontraram alguns tijolos e pedaços de telha. Uma das telhas virou o fogão improvisado. Pegaram também duas colheres e dois copos de plástico para usar como panelas.

Quando estavam saindo da oficina, ouviram a vó alertar:

— Só não arranquem flores das árvores! — preocupada com o jardim florido.

As meninas obedeceram e começaram a recolher folhas, flores e gravetos espalhados pelo chão. Encheram os potes e logo estavam rindo e fingindo comer um bolo de chocolate delicioso, feito de plantas. A tarde ensolarada foi preenchida por risadas e brincadeiras, até que o cansaço chegou.

Foi quando ouviram um chamado vindo de dentro da casa:

— Venham comer um pouco de bolo, meninas, está fresquinho!

A avó adorava cozinhar quando as netas estavam por perto. Preparava bolos, waffles e várias outras delícias. Comprava sorvete, iogurte e tudo o que elas gostavam. Além disso, tinha sempre um novo empreendimento: velas perfumadas, pizzas saborosas, algo diferente para ganhar dinheiro.

Mas voltando ao bolo... As meninas, animadas, correram para dentro da casa. Com sorrisos estampados no rosto, exclamaram juntas:

— A brincadeira virou realidade! É um bolo de chocolate de verdade, bem quentinho!

Antes de se sentarem para comer, a avó pediu:

— Procurem o vô pelo quintal, ele deve estar por aí.

O avô tinha esse hábito de sumir no meio da chácara. Poderia estar consertando fios, alimentando os animais ou no galinheiro. Só aparecia na hora de comer ou dormir. Ele também gostava de assistir a um filme antes de dormir, mas havia uma regra engraçada: se já tivesse visto o filme, não assistia de novo.

As meninas começaram a busca. Procuraram no quartinho de ferramentas, na horta, no meio dos cachorros e das galinhas, chamando:

— Vô, venha comer o bolo, vai esfriar!

Sem resposta, acabaram desistindo. Voltaram para casa prontas para comer o bolo, quando ouviram um barulho na porta. Era ele, o avô, que finalmente apareceu.

Então, todos se sentaram à mesa. Comeram bolo e compartilharam as aventuras daquele dia, entre risadas e histórias, em um fim de tarde que parecia mágico.

O pedaço de bolo

Miguel Fuggi Lopes

É tão bom termos pessoas especiais para comemorar o aniversário ao nosso lado. Avós, primos, tios, pai, mãe... Essas pessoas tornam cada momento mais significativo. O meu aniversário de 10 anos foi muito especial, porque senti que consegui deixar minha família orgulhosa.

Sempre achei curioso esse costume de dar o primeiro pedaço de bolo de aniversário para alguém. Nunca entendi muito bem o motivo, mas acredito que seja algo simbólico e cheio de significado. No meu aniversário de 10 anos, decidi dar o primeiro pedaço para minha bisa.

Quando entreguei o bolo para ela, percebi que uma lágrima escorreu pelo seu rosto. Naquele instante, tive certeza de que escolhi a pessoa certa. Ela ficou muito feliz, e eu, emocionado. Foi, sem dúvida, o aniversário mais marcante da minha vida.

Dar amor, carinho e respeito às pessoas mais velhas é algo muito importante. Ainda mais quando elas estão em uma fase em que precisam de mais cuidado e atenção. Mesmo quando essas pessoas partem, elas permanecem ao nosso lado, em nossas memórias e em nossos corações.

Minha bisa era uma mulher gentil, tranquila e muito bondosa. Com seus 93 anos, ela sempre esteve presente, sempre carinhosa e acolhedora. Com o passar do tempo, sua força física diminuiu, e a saúde começou a fraquejar, mas sua esperança e resiliência sempre se mantiveram firmes.

Eu a amava profundamente, de um jeito que as palavras não conseguem descrever. Quando ela faleceu, foi um momento muito triste para mim. Mas, de alguma forma, me conforta saber que ela agora está ao lado de sua filha, minha vó Rose.

Espero que Deus esteja cuidando dela e de outros parentes que já partiram, para que eu não precise me preocupar. Isso me faz pensar que dar o primeiro pedaço de bolo para minha bisa foi uma bela homenagem a alguém tão especial para mim.

E você, o que acha de dar o primeiro pedaço de bolo para alguém mais idoso? Para mim, parece o gesto certo a se fazer. Afinal, essas pessoas podem não estar presentes no nosso próximo aniversário. É uma forma de mostrar gratidão e celebrar a importância delas em nossas vidas enquanto ainda estão conosco.



Uma viagem praiana

Vitoria Saliby Tizzot Bezerra Alves



Sempre que chegava o Ano Novo, minha família e eu íamos para a casa de praia da minha avó. Era uma tradição, e sempre estávamos todos lá, meus tios, meus primos... mas neste ano, houve um imprevisto com meus primos e eles não puderam comparecer. Fiquei triste, mas consegui entender o lado deles.

Era um dia muito quente, então minha família e eu decidimos ir para a praia. Coloquei meu maiô e fui direto para a areia com todos. Nadamos e nos divertimos bastante, passamos horas lá, aproveitando aquele calor e a companhia um do outro.

No dia seguinte, já era hora de voltar para Curitiba. Aquele seria o último Ano Novo na casa de praia, pois minha avó ia vendê-la. Acordei cedo, tomei café com minha família e minha avó, e me despedi dela com o coração apertado.

Foi um momento de muita saudade, e segui viagem de volta para Curitiba, lembrando de tudo o que vivi naquele lugar especial.

E é isso, tchau.

Entre Bico, Penas e Agora, Saudade

Arthur Trilinski Backes

Há muito tempo pedi por um animal de estimação, um bichinho para chamar de meu, para cuidar. Foi então que, em um novo dia, sob novos raios de sol, ao fim das estrelas, fui surpreendido: meu tão esperado sonho iria se realizar!

Escolhi com cuidado, ou melhor, ele me escolheu. No momento em que toquei nele pela primeira vez, ele se sentou delicadamente em meus dedos, seus olhinhos me fitaram profundamente, e eu percebi que o destino havia nos unido. Seu nome então foi escolhido: Cacau.

No começo, ele estava nervoso e com medo de tudo – na verdade, acho que nós dois estávamos. Por isso, tentei me aproximar cada vez mais, tentando manter contato, sempre conversando e brincando. Ficava triste quando ele me bicava e sua reação não era a esperada. Contudo, o grande estalo aconteceu enquanto eu estava lavando louça e ele se aproximou. Me olhou e começou a me escalar. Minhas mãos estavam encharcadas e eu não podia ajudá-lo, mas ele não desistiu. Suas patinhas trêmulas trabalhavam o mais rápido que podiam, até que finalmente chegou ao meu ombro.

Lembro das vezes em que ficamos juntos em casa, só nós dois, aproveitando a calma. Também recorro das aventuras mais simples, como quando eu fazia minhas tarefas e ele ficava lá, me observando, esperando o momento certo para me encantar com seus truques.

Depois de meses dessa amizade única, tive outra oportunidade incrível: eu iria viajar! O Cacau não pôde viajar com a família, então teve que ficar em outro lugar. Uma casa nunca antes vista, uma experiência nunca antes vivida – uma verdadeira montanha-russa de emoções. Ele também fez um novo amigo: uma amizade de dar inveja. Partilhavam brinquedos, gaiola e felicidade, mesmo sem trocar palavras. Eu também me diverti, acompanhando cada passo da aventura do meu amiguinho periquito.

Mas, um dia, as notícias começaram a sumir. No início, não estranhei, mas enquanto estava na piscina me divertindo, meus pais se aproximaram e me chamaram para fora. Minha mãe, tentando me explicar, começou contando a triste história da coelhinha da minha prima, até chegar à infeliz



notícia sobre o meu passarinho. As memórias do seu azul e amarelo me fizeram chorar até meus olhos se cansarem, e as lembranças das primeiras bicadas de nossa história perfuraram meu coração.

O tempo é imprevisível, como a vida. Não sabemos quando os momentos começam ou terminam, então devemos aproveitar, e, como com os animais de estimação, aprender a transformar cada segundo de nossas vidas em momentos de qualidade. E aqui fica a certeza de que Cacau e eu fomos muito felizes, e cada instante que passamos juntos ficou gravado em meu coração.

Passado e presente: um instante de vida capturado

Flávia Alessandra Oswaldo Letti

Oi, meu nome é Flávia Alessandra e hoje vou contar sobre um dia super legal que passei com a minha família. Eu amo acampar com eles, porque sempre aproveitamos muito o dia e depois assistimos ao pôr do sol, que é incrível. Neste dia, fui com meus pais e meu irmão para um acampamento na Lapa. Lá, tem um pula-pula que é super divertido!

O dia estava lindo, com um sol maravilhoso, mas, de repente, começou a ventar muito e quase nossa barraca voou! Mas, no final, tudo deu certo.



Nesse acampamento também tem vários animais fofinhos. Eu me lembro de uma vez, quando a família da minha amiga foi acampar junto com a gente, e nós duas encontramos um Golden super lindo. Eu sempre gostei de acampar com a minha família. Desde quando eu era pequena, até hoje, e é ainda mais legal quando minha amiga vai junto, porque aí consigo aproveitar ainda mais o dia brincando com ela.

Meu pai é o mais aventureiro quando a gente vai acampar. Meu irmão, na maioria das vezes, só fica no celular jogando, e minha mãe sempre inventa algo super divertido para fazermos. E eu, claro, topo tudo! Mesmo quando estou cansada, prefiro fazer algo produtivo do que ficar mexendo no celular.

É isso! Espero que vocês tenham gostado da minha crônica. Até a próxima!

10 de maio de 2023

Giovanna Retechuki Ferreira Da Cruz

Nunca gostei muito de futebol, mas, de tanto os meninos da sala falarem sobre o esporte e meu pai assistir aos jogos, acabei me apaixonando por ele. Até que, um belo dia, meus pais me fizeram uma surpresa incrível: compraram passagens de avião para São Paulo e ingressos para eu assistir a um jogo no Allianz Parque. Eu estava tão feliz!

No dia 10 de maio de 2023, numa quarta-feira, eu e minha família pegamos o voo rumo a São Paulo. Passamos parte do dia passeando pela cidade e, depois, eu e meu pai fomos assistir ao jogo entre Palmeiras e Grêmio.

O jogo começou, estava 0x0, até que o Grêmio fez o gol no final do primeiro tempo. Naquele momento, pensei: "Meu time precisa virar esse jogo!"

Quando o segundo tempo começou, todo mundo estava nervoso, até que meu time começou a reagir. Virou o jogo e fez 4x1! Cada bola chutada, cada lance perto do gol era uma mistura de alegria e nervosismo. E assim terminou o jogo, com uma virada maravilhosa do meu time do coração. Eu saí de lá tão feliz e emocionada que jamais vou esquecer aquele dia.



Antes do jogo começar, eu estava muito nervosa e nem conseguia comer. Algumas horas antes de a partida começar, fomos à loja oficial do time comprar camisetas, e ficamos conversando com as pessoas que estavam ao redor. Eu até levei um cartaz, na esperança de conseguir a camisa do Dudu, mas não deu certo. Ele não me viu. Fiquei triste, mas tudo bem, nem tudo sai como planejamos, né?

Essa foi apenas uma parte dessa viagem inesquecível para mim!

O amor da minha vida

Giselle Guerra da Costa Dias



O dia mais feliz da minha vida foi no dia 6 de agosto de 2017, quando conheci o neném da mamãe, minha cachorrinha.

Uma semana antes de conhecê-la, minha mãe tinha comentado que a amiga dela tinha uma cachorrinha que teve vários filhotes. Um deles seria o meu amor...

Eu fiquei a semana inteira ansiosa para te conhecer, para te abraçar, te dar amor e carinho. Mesmo minha mãe dizendo que ainda ia ver se ficaríamos com ela.

Quando te vi, meu Deus do céu, sabia que você seria o meu amor eterno.

Escolher o seu nome foi fácil. Naquela época, meu desenho animado favorito era “O Show da Luna!”. Então, minha irmã sugeriu que a chamássemos de Luna, em homenagem ao desenho. E eu adorei a ideia.

Fiquei o dia inteiro sentada ao seu lado, admirando sua fofura, sua beleza, não conseguia sair de perto de você. Se pudesse, teria almoçado ao seu lado, mas a mamãe não deixou.

Nestes 6 anos em que te conheço, você já testemunhou tantas coisas da minha vida: minhas felicidades, tristezas, e até ouviu meus desabafos. Você é minha terapeuta.

Todo dia, quando chego em casa depois da escola, corro para o meu quarto, coloco minha mochila na cadeira, me agacho para te abraçar, fazer carinho e jogar a bolinha para você.

Quando estou em casa, dedico 100% do meu tempo a você, minha anjinha de Deus. Afinal, como diz a música “Levo Comigo” do Restart: “Aonde quer que eu vá, te levo comigo.”

Meu amor, meu neném, minha vida, minha joia preciosa, como sou grata por ter você. E como diz Cazuza em “Exagerado”: “Amor, da minha vida, até a eternidade.”

Um dia mais que especial

Isabele Creplive Brauer

Outubro é mês de Secoba, uma das melhores épocas do ano escolar. A turma, unida, pronta para tentar ganhar.

No primeiro dia, o jogo era caçador: feminino de manhã e masculino à tarde. Todos estavam animados para jogar, confiantes para vencer.

Ganhamos o primeiro e o segundo jogos. No terceiro, o mais difícil, de um lado o MA e do outro o VA. Era grito de um lado e de outro, e o jogo rolando. No primeiro tempo, o MA venceu, e no segundo também. Se o MA vencesse, ganharia a medalha de ouro; se perdesse, ganharia a medalha de prata.

No quarto e último jogo, vencemos. Com muita fé, união e determinação, o MA foi campeão. Afinal, a fé, a união e a determinação foram o caminho para a vitória.

À tarde começaram os jogos masculinos. Ganhamos o primeiro e o segundo, mas no terceiro quase perdemos. Com muita garra e dedicação, conseguimos vencer, foi muita emoção! No quarto jogo, infelizmente, perdemos. No entanto, ficamos em segundo lugar, o que já é ótimo, pois a turma se dedicou muito e se superou.

Secoba é um momento de união entre os alunos, que sempre deixa memórias alegres e muitas saudades. Afinal, aprendemos lições e valores para a vida que vão muito além de simplesmente ganhar ou perder uma partida.



Uma tarde divertida no Jardim Botânico

Isabella Leandro Moraes Ferreira

Depois de alguns meses de muita saudade, Tia Nana, Tio Michel e minha prima Maitê vieram nos visitar em Curitiba. Eles chegaram no final da manhã, em um lindo dia ensolarado. Depois do almoço, Tia Nana estava inquieta, pois queria passear no Jardim Botânico. Então, naquele mesmo dia, partimos para o tão esperado parque.

Chegando lá, como fazem a maioria dos turistas, Tia Nana tirou várias fotos na entrada. No entanto, Maitê, uma criança de três anos, logo se cansou disso e teve uma ideia melhor. Ela correu em direção às flores, mas logo saiu de lá, pois havia várias abelhas por perto. Maitê ficou com muito medo de levar uma picada.

Depois disso, Tio Michel nos chamou para jogar uma partida de esconde-esconde, mas a brincadeira terminou rápido, pois Maitê ficou extremamente ansiosa para entrar na estufa, que, segundo ela, era um “castelo de gelo”. Tia Nana novamente ligou a câmera do celular e tirou várias fotos em frente à estufa. Em seguida, finalmente entramos.

No “castelo de gelo” da Maitê, Tia Nana ficou maravilhada com tantas plantas e tentou ensinar o nome de cada uma delas para sua pequena filha. Porém, Maitê só conseguia manter os olhos em uma mulher que estava fazendo um ensaio fotográfico. Seu vestido era fascinante, cheio de flores amarelas e rosas. Maitê ficou encantada e quis um vestido igual.

Cerca de cinco minutos depois, saímos de lá. Tio Michel e Tia Nana se encontraram e começaram a conversar. Enquanto isso, a inquieta Maitê teve outra ideia divertida: descer rolando num pequeno barranco que havia ali perto. Mas, ao perceber a altura, ela ficou com medo e decidiu rolar na grama, sujando a blusa branca que usava. Tia Nana ficou “uma fera”, mas eu só conseguia rir enquanto Tio Michel tentava segurar as gargalhadas.

Andamos um pouco até chegar a algumas lojas perto de uma ponte. Tia Nana gostou das blusas com estampas de araucárias, enquanto Tio Michel e Maitê gostaram das canecas em formato



de capivara, mas acabaram desistindo de comprá-las. Caminhando mais um pouco, finalmente vimos a saída do parque. Estávamos cansados, mas Maitê ainda estava cheia de energia e começou a correr atrás dos pombos. Eu também entrei na brincadeira, mas não tocamos em nenhum.

Na saída, Tio Michel comprou alguns sacos de pipoca, que estava muito salgada. Tomamos um pouco de água e caminhamos até o carro. Assim que saímos do estacionamento, Maitê logo dormiu, e a única coisa que pensei naquele momento foi que, após uma tarde divertida no Jardim Botânico, eu também gostaria muito de dormir.

O Passado Em Uma Tela

Maria Eduarda Ribeiro Vilela

Você já sentiu falta do passado? Eu sempre sinto isso quando olho para essa foto. Eu amava minha antiga casa, que ficava em um condomínio com parquinho e várias outras crianças. Cresci lá desde pequena, e sempre foi o meu lar perfeito. Minha parte favorita era o quintal, que por um bom tempo tinha grama por todo ele, até que fui atacada por formigas, então instalamos um piso.

Mas antes disso, eu adorava brincar na minha piscina e tomar banho de mangueira. A sensação de estar com os pés molhados na grama era incrível. Teve um dia em específico, em que estava muito quente e minha prima mais velha veio passar o dia em casa. Eu lembro que fiquei tão feliz quando minha mãe colocou água e várias bolinhas na minha piscininha, que combinavam com o meu biquíni colorido. Até hoje, sinto um conforto tão grande quando tenho contato com a água, seja no banho ou na piscina. A água sempre foi meu elemento.

Naquele dia, eu me diverti muito. A piscininha era pequena, mas cabia muita coisa. Ela tinha uma estampa de animais da selva com macacos, elefantes, girafas, leões e, claro, as zebras, meu antigo animal favorito.



Eu sinto falta de quando era pequena, porque podia fazer muitas coisas na natureza. Não que agora eu não possa, mas a maioria dos meus amigos tem nojo, enquanto eu sempre senti uma conexão muito forte com a natureza, desde pequena. Aquele dia foi incrível! Eu levei todas as minhas bonecas favoritas e quase levei minha coleção de ursos de pelúcia. Eu tinha a Abigail, minha melhor amiga coelha, e também um elefante, um sapo, a galinha pintadinha, um coração, o Mike Wazowski, os Minions, um gatinho, abelhinhas, um E.T., e muitos outros que eu não vou citar porque teria que passar horas escrevendo.

Minha prima tinha apenas 8 anos nesse dia e, recentemente, completou 18 anos, o que mostra como o tempo passou tão rápido. Eu a amo muito e sempre a usei como exemplo. O nome dela é Marcella, mas sempre a chamei de Ceceli, e eu dedico essa crônica a ela, minha prima favorita, que fez daquele dia um dos melhores e mais inesquecíveis da minha vida, de uma forma tão simples.

Lembranças à beira da orla.

Maria Fernanda de Jesus Polegatti



Uma lembrança alegre estava prestes a se formar no dia 11 de junho deste ano. Todo ano acontece a famosa Festa da Tainha na cidade de Guaratuba, no litoral do Paraná. Esse peixe é típico da região e, como chegamos na hora do almoço, fomos almoçar essa iguaria marítima. Após um tempo, nos refrescamos nas agitadas águas da praia.

Ao findar da tarde, o sol já fazia um caminho dourado nas águas do mar. Por isso, nos recolhemos à pousada onde estávamos hospedados e, depois de um banho, decidimos fazer um passeio noturno. Fomos ao Morro do Cristo, um ponto turístico da região. Recordo-me de ler em uma plaquinha prateada "104 degraus". Assustei-me no começo, mas depois a subida foi tranquila.

O brilho das luzes contrastava com a escuridão do mar. Podia ouvir uma linda canção, entoada por grilos, e o doce som das ondas quebrando na costa.

Logo que chegamos ao topo do morro, aproveitei para apreciar a vista, que, em conjunto com a brisa, me agradava. A diferença de paisagem era imensa! Ao descermos, pisamos novamente na areia fofa da praia e, caminhando sobre ela, retornamos à pousada, com lindas memórias da beira da orla.

Entre Amigas

Helen Vidolin de Souza

Completavam-se alguns meses desde que eu havia visto minhas melhores amigas pessoalmente, pois uma delas sempre estava ocupada com outros compromissos, enquanto a outra morava em outra cidade. Conversávamos muito, muito mesmo. Eram horas de conversa e planos para o que faríamos. Por fim, marcamos o tão esperado reencontro.



Acordei mais cedo no dia, para receber as meninas, que passariam todo o fim de semana na minha casa. A chegada de ambas foi cheia de sorrisos e abraços, ansiávamos por aquele momento há meses. Então, subimos para o apartamento, animadíssimas, contando os acontecimentos dos últimos dias.

Meu quarto não é grande, e parece ainda menor já que tenho que dividi-lo com meu irmão, mas, mesmo assim, ficamos sentadas na minha cama, conversando sobre os mais diversos assuntos.

Ao fim da tarde, já estávamos entediadas, cada uma usando seu celular, vendo vídeos que, quando engraçados, resultavam em alguns comentários. Minha mãe perguntou se queríamos sair para comer alguma coisa e, como não tínhamos mais o que fazer, dissemos que sim. Enquanto uma ia tomar banho, as outras duas ficavam no quarto conversando e decidindo as roupas que iriam usar. Ao fim, nos maquiamos um pouco e saímos de casa; o local era ao lado do meu apartamento, então meus pais permitiram que fôssemos sozinhas.

Pedimos nossa comida e nos sentamos ao lado de uma janela. Enquanto esperávamos, tiramos muitas fotos, tanto juntas quanto separadas, para guardarmos aquelas recordações. Após a janta, pedimos sobremesa. Comemos sorvete, mas, infelizmente, minhas amigas se esbarraram e parte de um dos sorvetes caiu no chão. Esse momento rendeu muitas risadas, mas também muita sujeira. Limpamos tudo, pagamos e fomos embora.

Chegamos cerca de nove horas da noite, já era um pouco tarde, mas ainda havia coisas para fazermos. As meninas queriam ficar acordadas a noite inteira, vendo filmes, séries, conversando, jogando e comendo doces. Eu queria também, mas não conseguiria ficar acordada por tanto tempo.

Quando era meia-noite, fiz brigadeiro e comemos com uvas e pedaços de banana. É uma tradição que tenho com elas: sempre que nos vemos, precisamos comer o brigadeiro que faço, às

vezes com algumas frutas, pois elas dizem que é muito saboroso.

Fomos dormir tarde, cerca de três da manhã, então acordamos tarde também, às dez horas. Mas, infelizmente, estava quase na hora de me despedir de minhas amigas, pois uma tinha que voltar para sua cidade, e a outra precisava ir a um almoço em família.

Arrumamos tudo que precisava ser arrumado: a sala, o quarto e guardamos as coisas de minhas amigas em suas malas. Finalmente, era hora de dizer “tchau”. A amiga que era de outra cidade entrou no carro e foi embora para a sua casa. Uma hora depois, a outra foi embora também, e eu fiquei em casa, triste porque havia acabado, mas ao mesmo tempo feliz, pois, mesmo tendo sido menos de dois dias, ainda consegui criar ótimas memórias.

Botas

Isabelly Polli

Em uma noite, eu estava em uma confraternização no lugar em que minha avó trabalhava. Como não conhecia ninguém, resolvi ficar no parquinho com o meu pai.

Enquanto eu brincava no balanço, ouvi um miado atrás de mim. Eu e meu pai viramos para ver o que era e vimos um belo gatinho laranja, meio amarelado. Resolvi fazer um carinho no gatinho e o peguei no colo. Consegui até ouvi-lo ronronar e se aconchegar nos meus braços.

Passei o resto da noite no parquinho brincando com o gatinho, a quem apelidei de Botas, por lembrar o famoso Gato de Botas. Botas era um gatinho filhote, muito carinhoso. Quando chegou o fim da noite, tentei convencer minha mãe a levar o gatinho para casa, mas ela não aceitou. Então, por fim, fiquei sem o gatinho que tanto gostei.



O pequeno violão de aniversário

Luis Vinicius Lakes Wille

Cada ano tem exatamente 365 dias — salvo, é claro, os anos bissextos — e, apesar disso, meu aniversário sempre acontece no mesmo dia, como se tivesse um acordo com o calendário. Além disso, acreditem se quiser, mas comemorei essa ocasião todos os anos até agora, sem exceção. Outra singularidade que posso listar aqui é a idade, que a cada aniversário se mantém fiel em subir exatamente 1 ano. Não 5, não 2, mas sempre 1. A matemática por trás disso me intriga, mas prefiro deixar isso de lado quando lembro da melhor parte dos aniversários: as festas. Bolo, doces e presentes — essa é a definição perfeita para uma festa de aniversário. Algumas pessoas insistem em dizer que o mais importante é comemorar com a família e amigos, celebrar mais um ano com saúde, etc. Mas eu, pessoalmente, prefiro focar na parte supérflua.

Sempre que penso nisso, lembro da ocasião em que tive minha opinião particularmente egoísta sobre festas confrontadas. Eu tinha 3 anos, minha festa estava próxima e eu mal conseguia conter minha empolgação. Se qualquer pessoa me perguntasse qual o dia mais importante do ano, eu deixaria de lado minha humildade e, com convicção, diria: "Meu aniversário!"



Faltava pouco para a comemoração e eu estava incredivelmente empolgado, por mais que naquela época eu não soubesse pelo que estava comemorando. Mas isso não me importava nem um pouco, eu estava mais interessado nos presentes que poderia receber. Quanto mais próxima a data ficava, mais meu ego aumentava. Acredito que se o meu aniversário tardasse um dia sequer, meu ego ficaria grande o suficiente para eu conseguir acreditar que sou o centro do universo. Felizmente, isso não aconteceu, e a festa ocorreu no dia previsto.

Era 16 de novembro, dia do meu aniversário, e eu oficialmente tinha 4 anos. O tempo estava agradável, então poderíamos ter feito a festa ao ar livre, mas, ao invés disso, fizemos a festa em casa. Os presentes estavam todos embrulhados, as comidas estavam sendo preparadas e nenhum convidado havia chegado. Meus pais disseram que eu só poderia abrir os presentes após os parabéns e, mesmo com minha insistência em pedir para abrir os presentes mais cedo, eles se mantiveram firmes em sua palavra. Ainda estava de manhã e a ansiedade por abrir aqueles presentes tão bem embrulhados me

matava. Passadas algumas horas, os convidados começaram a chegar e, junto a isso, mais presentes se empilhavam em uma caixa de papelão usada para armazená-los. Nesse momento, as comidas típicas de aniversário já estavam prontas e minha atenção estava voltada para elas. Chegou então o temido momento dos parabéns.

Todos reunidos em volta de uma mesa cheia de doces e salgados, e atrás da mesa estava o aniversariante: eu, com uma timidez facilmente perceptível. Começaram a cantar a música clássica de aniversário, enquanto eu não sabia para onde olhar. Era uma mistura de emoções. Vergonha, por estar sendo o centro das atenções, felicidade, por pensar em todos aqueles presentes e comidas, e confusão, por não saber se estava feliz ou envergonhado.

Depois daquele momento, esperei todos comerem para poder abrir os presentes tão aguardados. É claro que, no processo, acabei comendo um docinho ou outro. Após isso, fui direto até a caixa onde estavam os presentes e abri um a um, com um sorriso enorme no rosto. Entre eles estavam: um carrinho Hot Wheels, um livro de colorir, roupas, etc. Porém, o presente que mais chamou minha atenção foi um pequeno violão de brinquedo. O provável motivo do meu fascínio por ele foi por ser o único que emitia sons. Logo que o tirei da embalagem, comecei a brincar com ele, e assim permaneci por um bom tempo. Depois disso, parei para refletir sobre como brincar com aquele pequeno violão foi a parte mais divertida de todo o meu dia. E essa foi minha conclusão: aniversários e brinquedos são divertidos. Pois é, eu tinha só 4 anos, ainda não ligava para lições de moral.

Espírito de shopping

Luiz Felipe Fortes Botelho

Era cedo para o tempo do dia, mas tarde para o almoço. Eu e minha família estávamos indo para o shopping com a intenção de almoçar e voltar para casa, mas, pelas minhas múltiplas experiências, eu sabia que não seria apenas ir, comer e voltar. Ainda havia mais uma ação: a de ficar muitas horas explorando todo o lugar, até minha mãe decidir a hora de parar. Mesmo tendo a estatura abaixo da média, ela tem muita energia. Eu também gosto de ficar andando no shopping, porém, como um mero mortal, ainda me canso, e ficar cansado me dá muita sede e, conseqüentemente, muito desconforto.

Chegando, senti um vento frio vindo em uma direção contrária à minha. Como em todas as outras vezes, senti o espírito do shopping. Mesmo sendo um sentimento tão comum, ele era diferente de todos os outros. Quando o vento se equilibrou com o meu corpo, vi a magnífica e gigantesca estrutura artificial, feita para confundir seus visitantes e fazê-los ficar horas caminhando e olhando para várias lojas, mas trazendo paz e conforto para todos com sua cor interior clara e brilhante.



Indo para a praça de alimentação, escolhemos um restaurante por votação. Por causa da rigorosa condição da minha mãe de não consumir carne, às vezes nos dividimos em opiniões e escolhemos restaurantes diferentes. Porém, nesse dia, conseguimos achar um restaurante que agradava a todos, e almoçamos com pratos e talheres de cores e formatos iguais.

Depois do almoço, minha mãe se separou de nós - como sempre - para ficar andando pelo shopping, deixando meu pai com dois adolescentes com uma vontade inexplicável de comer sorvete. Mas meu pai sempre diz que comer sorvete logo após a refeição é prejudicial à saúde, então marcou quinze minutos no cronômetro e disse que, quando o relógio apitasse, poderíamos consumir nosso sonhado doce macio e gelado. Mesmo após os quinze minutos terem se passado e os sorvetes acabarem, minha mãe não dava sinal de que iria embora. Então, eu, meu irmão e o meu pai ficamos esperando ela nos chamar para voltarmos para casa.

Meus olhos ficaram se movendo, tentando encontrar algo para me distrair, e a sede me tomava por inteiro. Mesmo sendo infinito, o shopping ficava cada vez mais repetitivo. Depois de várias horas, decidimos ligar e chamar minha mãe. Com muita insistência, conseguimos convencê-la a voltar para o nosso lar, às sete horas da noite.

Chegando em casa, por estar cansado, decidi tomar um banho e me deitar na cama para descansar.

Um encontro de almas

Sofya Mya Fonseca

Desde que me entendo por gente, sempre gostei mais de gatos do que de qualquer outro animal. Sempre amei ir à casa da minha tia, que mora no interior de São Paulo, para ver seus animais de estimação. Na época, ela tinha mais de 30 gatos e 4 cachorros, sem contar os passarinhos e os macacos que visitavam sua casa.

Em julho de 2018, quando eu tinha 9 anos, após a perda de outro pet, eu me sentia solitária e um pouco triste, até encontrar o meu conforto: a Mya. Uma gata vira-lata, branca e preta, com seus olhos amarelos/alaranjados que pareciam um sol. Achávamos que ela havia sido maltratada pela antiga dona. Ela amava brincar com seu irmão, um gato branco, preto e laranja.



Em agosto de 2018, tínhamos muitas opções para adotar, como siameses, gatos laranja, pretos e até aqueles brancos que pareciam a Marie (personagem de um desenho infantil de 1970). Mas escolhi a Mya. Assim que a vi, soube que precisava adotá-la, cuidar dela e amá-la. Como algumas pessoas acreditam, foi amor à primeira vista.

Depois de algum tempo, descobrimos que sua antiga dona a batia com uma vassoura. Com apenas alguns meses de vida, ela já tinha traumas. No começo, toda vez que limpávamos a casa, ela saía correndo. Com o passar do tempo, ela perdeu o medo da vassoura e até começou a brincar com ela, impedindo minha mãe de limpar e varrer a casa.

A nossa relação de filha e mãe de pet foi melhorando cada vez mais, mimando-a muito e brincando de diversas formas, principalmente com a bolinha pula-pula, que sempre vai parar debaixo do sofá. Quando isso acontece, ela ataca os pés de todo mundo até alguém pegar. Além disso, ela adora pegar sol no quintal, quando tem, já que é raro ter sol em Curitiba. E quando encontra alguma mosca ou qualquer animal que voa, começa a miar com um som longo que mais parece um cabrito.

Às vezes, algum dos gatos dos vizinhos entra na minha casa pela janela do banheiro, fazendo com que ela marque território. Acaba fazendo xixi fora da caixa de areia, quase sempre no tapete do banheiro, no do quarto ou até mesmo no da sala, deixando minha mãe um pouco brava, já que, na maioria das vezes, é ela quem limpa.

A Mya ama quando pegamos a ração com a mão e damos para ela comer. Uma coisa que eu adoro fazer é pesquisar curiosidades sobre gatos, como a idade, comidas que podem comer, lugares

que mais gostam de receber carinho e muitas outras coisas. Descobri também que os gatos dormem mais de 16 horas por dia, para recarregar as energias e poder recolher todas as energias ruins do ambiente.

Se você se sente sozinho ou precisa de companhia, adote um animal de estimação para te ajudar. No meu caso, quem me ajudou foi um gato. Mas para você, pode ser um cachorro, passarinho ou papagaio. O importante é dar e receber amor.

Duas amigas

Yasmin Vitória Sznicer Krüger

Semana 1 do 6º ano:

Ali, em algum canto de manhã, uma menina isolada. Mal sabia eu que ela seria minha melhor amiga. Letícia, garota meiga, briguenta e risonha.



Semana 2:

Eu também, no meu canto, me encorajei e fiz dois amigos que me ajudavam em tudo. Um dia, chamei a Letícia para saber se ela queria fazer um trabalho comigo. O trabalho foi incrível, e a nota mais alta da turma foi nossa!

Meses e meses depois, me distanciei dos outros dois amigos. Quando percebi, era só eu e ela. Os meninos faziam todos os tipos de zoação imagináveis comigo, e ela me defendia.

No ano seguinte...

Troquei de turno no colégio e adivinha... Ela estava lá! Era eu por ela e ela por mim.

Mas começamos a nos separar, pois fizemos novos amigos. Porém, não deixávamos de nos falar na saída.

O Enzo:

Entrou o Enzo na nossa turma, e ele era bem gente boa. Mas, com o tempo, ele mudou muito e ficou arrogante. Mesmo meio separadas, a gente concordava em uma coisa... Odiar o Enzo! Com isso, eu e outra menina mudamos de sala, e isso quase foi o fim, mas continuamos firmes e fortes.

A Bea?

Uma amiga do Enzo entrou na minha sala e nós a acolhemos muito bem. Só que eu não falava mais com a Letícia, e nos separamos.

E quem sou eu?

Fica para os próximos capítulos.

Som das Ondas

Ana Júlia Merlo Ferreira

Em uma tarde nublada de fevereiro, lá estava eu, colocando roupa sobre roupa na mala, fazendo listas e marcando o que já havia separado. Naquele mesmo horário no dia seguinte, provavelmente estaríamos em Itapoá. Não me agradava a ideia de deixar minha mãe, mas teve que ser assim, pois ela tinha trabalho a fazer e apenas nos encontraria no fim de semana.

A casa de madeira me trazia um sentimento familiar: nostalgia. Havia enfeites temáticos de praia, como quadros e peixes nas paredes. A frente dela era pequena, mas ao lado havia uma garagem coberta espaçosa e um grande quintal atrás. O lugar em si não era muito amplo. A mesa de jantar estava na sala, e logo ao lado ficava a cozinha. Havia dois quartos e um banheiro, ambos de casal. Durante a semana toda, dormi no último quarto do corredor com minha irmã mais velha, enquanto nosso pai ficou no outro.

A praia me lembrava da minha infância, quando visitava meus parentes em Florianópolis. Estava agradável, e às vezes era possível ouvir as ondas. O vento impedia o calor de tomar conta. Lady parecia feliz com o espaço, mas confusa por estar em um lugar novo. Sempre a levávamos conosco, pois ela latia e não gostava de ficar sozinha. A cidade era tranquila, com moradores calmos, e o único som que se ouvia era o das ondas. Tudo trazia uma paz que eu não sentia há muito tempo, desde que me mudei para a capital. Eu não precisava pensar em Curitiba e sentia liberdade para ser eu mesma.

Aprendi a pintar em aquarela com minha irmã mais velha, molhando o pincel na tinta e na água, contornando árvores e casas. Também gostava de ficar na rede, beliscando petiscos com a família. Era bom voltar da praia no fim da tarde, suja de areia, deitar na grama e caminhar pelas ruas ou pela beira-mar, tomando sorvete. À noite, sentíamos o calor do litoral, e eu ainda ouvia o som das ondas distantes.

Houve um dia, durante essa inesquecível semana, em que Lady entrou no mar. Ela não estava



acostumada com a praia, parecia confusa com as ondas, mas, apesar de tudo, gostava de se sujar e se sentir livre. Passou horas debaixo de guarda-sois, dormindo e sentindo a brisa, com areia pelo corpo todo.

Sexta-feira à noite, minha mãe chegou à cidade. Fomos até a rodoviária para encontrá-la. Apesar de termos tido apenas o fim de semana com ela, pudemos nos divertir e ir à praia mais uma vez. Viver em Itapoá durante aquela semana foi suficiente para me apaixonar pela cidade e, ainda mais, pelo mar.

“O lugar melhor”

Arthur Bussolaro Kozak

Perder um ente querido pode ser muito doloroso. Lembrar-se de que nunca mais poderá vê-lo é uma dor indescritível. A perda em nossas vidas é inevitável, seja de um pai, mãe, avô ou avó. Com o passar dos anos, temos que aceitar que a morte acontece. É preciso ter maturidade para isso, mas o grande problema é quando você não a tem, por ser muito novo.

Perdi meu avô cedo, com apenas seis anos, e, por ser tão novo, não entendia o que significava que ele tivesse morrido. "Onde está o vovô?", eu perguntava. "Ele foi a um lugar melhor", meus pais respondiam. Porém, o "lugar melhor" não fazia sentido para mim. Eu mandava cartas perguntando como era esse lugar, como era a "viagem" que ele estava fazendo, e por que ele não me avisou antes de partir. Ele nunca respondia minhas cartas, mas eu continuava enviando outras: "Deve ter dado problema no correio. Melhor fazer outra para ele."



Meu avô na esquerda e eu sentado no chão

Das poucas memórias que tenho, todas são boas. Lembro-me de ele me avisar para não tomar leite com chocolate deitado, mas, sendo teimoso como sempre, fazia exatamente o oposto, só para deixá-lo bravo. E, claro, acabava com uma infecção no ouvido por causa disso, ouvindo logo depois o clássico "Eu avisei!" do meu avô.

Lembro-me também de, pelo menos uma vez por semana, quando estava na casa dele, ele perguntar se eu queria ir ao mercado com ele. Às vezes eu queria, outras vezes preferia ficar vendo desenho pela televisão. Hoje, me arrependo muito de não ter ido todas as vezes.

Outra memória que guardo com carinho é de ganhar dele uma incrível pista de carrinhos que grudava na parede. Ele ficava montando a pista, e eu o observava da mesma forma que alguém vê um engenheiro construindo um foguete para Marte. Eu amava e admirava meu "vovô Néelson", como eu carinhosamente o chamava. Éramos muito grudados. Eu passava a semana inteira ao lado dele, brincando, almoçando, conversando, vendo televisão, indo e voltando da escola no Celtinha dele.

Sempre estava ao seu lado, mas parei de estar quando ele foi diagnosticado com a Doença de Creutzfeldt-Jakob, uma doença cerebral que provoca perda de memória e tremores, e que leva à morte. Uma palavra tão estranha que eu nem conseguia entender. Ele ficou no hospital e eu parei de ir à sua

casa depois da escola. "Por que o vovô está no hospital?", eu perguntei. "Porque ele está doente, filho", minha mãe respondeu. "Mas eu posso vê-lo?", eu perguntei novamente. "Criança não pode ir ao hospital, você não pode ver seu avô." Isso me destruía. Não poder ficar com ele parecia absurdo, quase um crime!

A doença, que aos poucos tirava a vida dele, era algo que todos sabiam, mas eu não. Eu pensava que ele logo ficaria bom, como se fosse uma "gripezinha", e que logo voltaríamos a ficar juntos, como antes. Mas isso não aconteceu.

Um dia antes de falecer, ele teve a "melhora da morte". O vovô ligou para mim dizendo que estava bem e que logo voltaria para casa. Eu fiquei tão feliz, finalmente o veria novamente, mas isso não aconteceu. Eu ainda acreditava que, em algum momento, ele voltaria, como se sua viagem fosse temporária, que acabaria e ele estaria de volta.

Mesmo depois de entender, de certa forma, que meu avô, depois de ficar doente, foi a um "lugar melhor", ainda esperava sua volta dessa longa "viagem", que até hoje não chegou ao fim, e acho que nunca chegará.

O atalho

Giovana Tozin Perretto

Era mais um dia tranquilo na chácara do meu bisavô. Eu, meus pais, minhas irmãs e meus primos estávamos indo comprar leite em uma casa próxima. Era perto, mas para chegar mais rápido, havia um atalho onde pastavam os bois da minha tia. O caminho passava por um grande morro e um lago. Quando passamos por lá, não havia nada além de grama e água.

Ao chegar em casa, compramos leite, vimos os porcos e as galinhas, brincamos e fomos embora. Já era tarde, quase anoitecendo, então decidimos voltar pelo mesmo atalho.

Enquanto passamos pelos morros, vimos os bois da minha tia se aproximando, mas não parecia ser nada demais, então continuamos a caminhada. No entanto, pouco depois, percebemos que os bois estavam se aproximando mais do que o normal, além de começarem a nos cercar.

Minhas irmãs entraram em desespero e começaram a chorar. Enquanto eu, minha mãe e minha prima saímos correndo com as crianças, meu pai e meu primo pegaram um graveto grande e começaram a tentar espantar os bois. Mesmo assim, percebemos que os bois continuavam a se aproximar, então tivemos que correr o mais rápido possível.



Quando estávamos perto do portão de saída, vimos os bois se cansando e meu pai e meu primo voltando para junto de nós. Finalmente, conseguimos ir embora e chegamos em casa.

No dia seguinte, voltamos para a chácara, mas dessa vez sem pegar o atalho. Passamos na casa de minha tia e contamos o que havia acontecido. Ela explicou que os bois não estavam correndo atrás de nós por raiva, mas porque achavam que tínhamos comida. Demos muitas risadas e percebemos que eles não iriam nos machucar.

E esse foi o dia que levamos um "corridão de boi".

O dia mais terrível de todos

Letycia Casselli Quoos

Era uma segunda-feira normal no começo do ano letivo, e eu tinha 8 anos de idade. Eu havia acabado de acordar e, sonolenta, fui tomar meu achocolatado matinal, quando percebi que a caixa de leite estava vazia.

Peguei uma caixa nova e, para começar o meu dia de forma maravilhosa, derramei metade do leite em mim. Como se isso já não fosse o suficiente, na hora de pegar uma colherada de chocolate em pó, uma força maligna tomou conta de mim, fazendo-me espirrar e deixando meu pijama totalmente encharcado com uma mistura nojenta de leite, chocolate e baba.

Assim que terminei minha tentativa desastrosa de café da manhã, fui me sentar no sofá. Meu irmão mais velho, me olhando e rindo da minha péssima situação, perguntou ironicamente se eu tinha travado uma batalha épica com a comida. Respondi que, devido ao meu atraso, não poderia limpar o “ringue de luta”.

Na escola, fui direto brincar de me jogar de joelhos no chão com minhas amigas. Meu objetivo de ir mais longe foi interrompido quando, de repente, bati meu joelho em um prego que ficava atrás de uma porta.

O que parecia ser uma leve pressão, logo se transformou em um buraco dolorido e sangrento, molhando minha calça do uniforme. Quando percebi a cena, comecei a gritar, até que o professor viu o machucado e correu comigo para a enfermaria, me levando no colo.



No entanto, era impossível passar por um corredor estreito quando todos os alunos do ensino médio estavam no início do intervalo. Vários adolescentes imbecis, que não perceberam o ocorrido, acabaram sendo empurrados por mim e ouviram gritos de “LICENÇA!” a todo momento.

Fui levada ao hospital, onde me fizeram o curativo, mas o sangue já estava seco por conta do tempo perdido. Quando cheguei em casa, tirei o curativo porque estava me incomodando. Não tive aula, pois isso aconteceu antes do início das aulas e eu fazia parte do período integral.

Sempre fui muito agitada, então aproveitei e fui brincar com minhas amigas que moravam no mesmo condomínio. Fomos ao parquinho, onde havia um “playground” com uma barra vertical para

deslizar, mas ela havia sido retirada por não ser segura para as crianças.

O que restava era um buraco na lateral do brinquedo. Tive a brilhante ideia de pular de lá de cima, mas ele tinha pelo menos dois metros de altura. Quando pulei, caí em pé, mas dei um mau jeito no meu pé e não consegui mais correr naquele dia, pois meu tornozelo estava doendo.

Logo depois, decidimos ir para a casa de uma das minhas amigas brincar de “gato mia” no quarto dela. O quarto não era muito grande, mas tinha um beliche. Subíamos pela escada e descíamos pela lateral. Quando a irmã dela subiu pela escada, nós duas descemos pela lateral.

Eu acabei esbarrando no beliche e a casquinha do meu joelho foi arrancada no mesmo momento. Fiquei desesperada novamente, pois o sangue começou a escorrer pela minha perna inteira. Não foi preciso chamar ninguém, pois meu choro foi tão alto que a avó delas apareceu.

Enquanto a avó limpava meu machucado, algo avermelhado escorreu para a coberta branca da cama. Eu sabia que aquilo ia manchar só de olhar. Depois de feito o curativo, meu irmão veio me buscar de carro e eu fui para casa. Tomei um banho e, exausta, tive o sono mais pesado de todos.

No entanto, acordei suando, depois de um pesadelo, e chorei enquanto chamava meus pais. Depois de ser acalmada, voltei a dormir como se fosse um dia normal e nada tivesse acontecido.

Uma viagem nostálgica pelas lembranças

Luna Giovana Ferreira de Oliveira



Há um tempo, minha melhor amiga reclamou de mim. Ela disse que eu não era mais tão legal como antigamente, e isso me doeu profundamente. Jurei que só falaria com ela novamente depois que me pedisse desculpas, e fiquei pensando se eu voltaria ao passado para viver tudo de novo. Eu queria saber onde eu errei, o que poderia ter feito diferente para não me tornar essa pessoa chata. Será que eu faria escolhas diferentes ou iguais? E elas me tornaram uma pessoa mais legal hoje? Essas dúvidas me atormentaram, e eu não conseguia parar de pensar nisso, até que chegou o dia do aniversário da minha avó.

Naquele dia, a família se reuniu, como fazia todos os anos, para almoçar, conversar e comemorar juntos. Eu, particularmente, estava achando tudo entediante, sem graça. Fiquei no meu canto, rolando as redes sociais, tentando achar algo para fazer. Entrei no Instagram, não tinha nada demais. Nenhum jogo estava funcionando por falta de dados, e no WhatsApp também não tinha ninguém falando comigo. Para piorar, minha amiga, com quem eu mais conversava, não estava disponível. Eu só queria sair dali. Meus tios começaram a relembrar o passado, falando sobre como enganavam os pais e aprontavam na escola, como eram rebeldes. Para eles, tudo parecia ótimo: risadas, brincadeiras e todo mundo feliz. Mas eu não me sentia assim. Onde estavam meus amigos? Eu queria mesmo era jogar, ver as lives dos meus influenciadores preferidos, e estava buscando uma ideia para escapar daquela festa sem graça.

Depois do almoço, começaram a cantar. Percebi que não há nada tão ruim que não possa piorar. Aquelas músicas desafinadas eram quase uma tortura para os meus ouvidos. Eu não sabia nem o que era "Biquini Cavado". Quem coloca um nome desses? "Inimigos do Rei", e cantando sobre

uma barata falante chamada Kafka... Quem faz isso? Todos sabiam as letras, cantando alto e fazendo dancinhas. Minha avó até chegou a chorar, emocionada, enquanto eu quase chorava de raiva. Músicas antigas não eram o meu estilo. Preferia minhas músicas mais atuais. Foi então que tive uma grande ideia: sair bem devagar, sem ninguém perceber, e ficar lá fora, longe daquela loucura.

Fui caminhando em direção à porta, aproveitando o barulho para sair sem que ninguém me visse. Mas, quando já estava com um pé para fora, minha mãe começou a cantar uma música que me fez viajar no tempo. Eu congelei. Lembrei que minha mãe cantava para mim quando eu era menor, enquanto penteava meu cabelo, para me fazer dormir, brincar, e em vários outros momentos. Também lembro de cantarmos juntas essa música, lendo a letra na tela do computador, fingindo que a escova era o microfone. Quando voltávamos da escola, cantávamos pelo caminho. Ela me chamava de "doce de coco", e eu descobri que esse era o nome da música, tocada por Jacob do Bandolim. Há muito tempo minha mãe não cantava mais essa música. Não sei por que paramos, mas sei que comecei a sentir saudade daquele tempo. Desisti do meu plano e voltei. Fui até a minha mãe, a abracei e comecei a cantar junto com ela. Ela me abraçou também. Quando percebi, todos estavam cantando conosco, rindo e perdendo a voz. Cantei as poucas músicas que sabia e aprendi a cantar outras músicas antigas. De repente, me dei conta de que lembrar do passado é como reviver aquelas histórias. E tudo fica melhor quando se pode fazer isso com as pessoas que se ama.

Isso me fez lembrar da minha amiga. Resolvi procurá-la para pedir desculpas por eu ser tão chata. Queria dizer a ela que, se não quisesse mais ser minha amiga, eu entenderia. A segunda-feira chegou cheia de preocupação: será que eu e minha amiga iríamos nos acertar? Quando nos encontramos na escola, tentamos não conversar, mas os assuntos surgiram, e nosso "instinto fofoqueiro" falou mais alto. Quando nos demos conta, já estávamos conversando sobre tudo, inclusive sobre a festa na casa da minha avó. Começamos a falar sobre o nosso passado juntas: as lembranças dos nossos primeiros anos na escola, os brinquedos que desejávamos – a famosa casa da Barbie, o computador da Xuxa, as pistas de Hot Wheels. Também comentamos sobre os desenhos animados que assistimos pela TV e a sensação de acordar de manhã ou chegar da escola ansiosa para ver o meu desenho preferido e comentar com os amigos. Tínhamos brincadeiras clássicas, como pega-pega, esconde-esconde, brincar de super poderes, boneca... Era tudo tão bom. Sinto saudades.

Depois de pensar por um tempo, lembrei da pergunta: eu voltaria ao passado? Sim, não só voltaria ao passado, como eu voltei. Voltei com a minha mãe e com a minha família, e depois com a minha amiga. Mas eu não mudaria nada. Agora sei que o passado é um lugar que podemos visitar de vez em quando. As escolhas que eu fiz me tornaram quem eu sou hoje, e não há como mudar isso. Minha amiga ficou tão feliz ao lembrar da nossa história que pediu desculpas por me chamar de chata. Ela disse que falou sem pensar.

Eu sei que jurei que não aceitaria, mas, como cresci muito com essas experiências, percebi que o que importa não é quem pede desculpas, mas sim a ideia de que escolhemos ser sempre melhores amigas, vendo o lado da outra e compartilhando mais momentos.

Bela, bela manga

Manuela Catiste Freiburger

Ganhei uma manga. Estava no sítio e meu avô pegou uma manga do pé para mim. Segurei a fruta e decidi não soltar mais. Fiquei um bom tempo olhando para ela, enquanto o avô reclamava que eu ainda não a havia aberto.

Tinha motivos para o avô ficar aborrecido, mas aquela manga não era simplesmente uma fruta a ser comida. Não havia dúvidas de que aquela era a mais doce e saborosa do pé. Sei que a beleza que havia dentro daquela manga deveria ser encantadora, talvez até mais do que o que eu podia ver naquele momento. Ah, sim! Uma fruta cheia de encanto, cheia de beleza... Sim, uma fruta deslumbrante. Que formosura!

Bela, bela manga...

Já se passaram alguns minutos olhando a fruta, e senti que ela já não estava feliz em estar ali. Peguei-a e a lavei com a água fria da torneira. Agora, a manga estava ainda mais bela do que antes, e a água que escorria de sua casca parecia realçar sua perfeição.



Bela, bela manga...

A mangueira era baixa, e quem passava por ela, esticava o braço e pegava uma manga. Quando alguém estava com fome, pegava uma manga; quando não estava, também pegava. Não importava o motivo, qualquer um que passava, sem pensar, pegava uma manga.

Em dezembro, as mangas amadureciam e caíam do pé. Era comum encontrar algumas na grama. Já havia olhado a fruta por tanto tempo, e minha boca salivava por um pedaço da manga, um pedaço doce e fresco da fruta que segurava. Mesmo que eu não quisesse comê-la, não consegui me conter e decidi abri-la. Entrei na casa, que ficava perto da mangueira. Fiquei em frente à mesa com a faca na mão. A primeira coisa que fiz foi cortá-la, e a segunda coisa foi gritar:

— Está podre!

Bela, bela manga...

Crônica

Maria Eduarda de Azevedo

Hoje, não vamos falar de algo feliz, ou às vezes algo muito triste, vamos falar de sentimentos... ou melhor, da PERDA DE ALGUÉM. Quando somos pequenos, não entendemos o que é perder alguém da família, ou até mesmo um amigo. Mas nossos sentimentos acabam expressando tudo o que sentimos.

Bom, sem mais enrolação, vou falar sobre alguém que perdi há muito tempo. Alguém que me fez querer ser superior a ela, alguém que me fez sentir algo que, com cinco anos de idade, pode parecer comum, mas para mim foi diferente. Pode se perguntar: ciúmes? O que isso tem a ver com o que vou contar? Mas, com certeza, vão entender, porque eu não queria sentir esse sentimento tão ruim.



Com cinco anos de idade, perdi meu irmão. Eu era pequena e não entendia sobre sentimentos, mas só tive isso: ciúmes. Era meu primeiro irmão e eu pensava que já estava sendo excluída pela minha mãe, como uma criança pensa na sua pequena cabecinha. Seis meses se passaram, e meu irmão Arthur começou a adoecer. Meus pais tiveram que levá-lo ao médico, e eu pensei que era algo normal. Me deixaram na casa da minha avó, dizendo que logo voltariam. Um dia se passou, e eu estava lá, toda ansiosa, esperando que meus pais viessem me buscar, mas eles não chegaram.

Dois dias se passaram, e eles chegaram em casa sem me contar nada, mas eu vi a cadeirinha do meu irmão vazia, com aquele cheirinho de bebê tão bom. Quando cheguei em casa, vi meus pais em prantos. Perguntei o que havia acontecido, e me disseram que tinham algo muito triste para falar. Perguntei logo: “Cadê meu irmão? Onde ele está?”. E foi aí que recebi a resposta.

Meus pais estavam tão tristes, e eu não imaginava o que tinha acontecido. Minha mãe falou que meu pequeno irmão estava morando com o Papai do Céu e que ele ficaria no meu coração. Eu fiquei tão, tão triste que não queria mais saber de nada. Pedi a Deus para que ele morasse comigo, mas não tinha noção do que estava dizendo, porque com cinco anos, não se tem ideia do que se fala ou faz. Agora, só queria que meu irmão estivesse ao meu lado. Se eu tivesse uma chance de voltar no tempo, de quando eu era criança, e gostasse mais do meu irmão, eu faria isso. O ciúme subiu à minha cabeça e me fez não gostar dele como deveria. Eu daria tudo para que ele voltasse.

Todos, um dia, vão perder alguém em sua vida, mas o importante é que temos que amá-los e aproveitar cada momento com a pessoa que amamos. Pois um dia essa pessoa não estará mais aqui, e, então, a dor do arrependimento de não ter vivido aquilo que gostaríamos vai pesar no coração.

Crônica

Nathalia Maria Souza Da Silva

Quero te dar orgulho até o fim, mãe. Você é uma guerreira, assim como todas as mães, mas a minha é muito melhor.

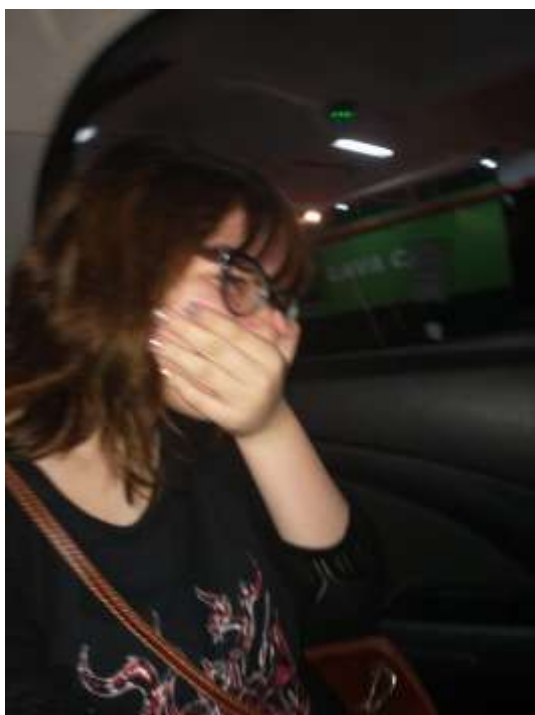
Desde pequena, minha mãe era diferente das outras. Ela gostava de fazer coisas de meninos, mas, com o tempo, cresceu e se tornou a melhor pessoa do mundo. Ela foi a pessoa que me deu a vida e me ensinou tudo o que sei. Quero poder realizar os seus sonhos e presentear-la como ela merece.

Lembro do dia em que fomos assistir "Frozen 2" no cinema, só eu e ela. Tenho saudades dos momentos que passávamos juntas, mas hoje não conseguimos fazer passeios apenas nós duas. Às vezes, conseguimos ter um momento juntas, mas geralmente é durante as minhas consultas médicas, e não é a mesma coisa. Sei que vamos ter mais momentos como aqueles, e vamos nos divertir muito.



A felicidade e suas aparições.

Raphaela Picheth Bernardes de Oliveira



A felicidade, para Friedrich Nietzsche, um famoso filósofo do século 19, é frágil e volátil.

A felicidade é um sentimento que parece durar uma eternidade e, ao mesmo tempo, parece durar apenas segundos. Ela me lembra a subida e a descida de uma montanha-russa: em um momento, a serenidade é eterna, mas em outro, a adrenalina te atinge com tudo. Porém, em um piscar de olhos, já acabou.

Às vezes, a felicidade não vem facilmente ao nosso alcance. Quando isso acontece, devemos procurá-la ou simplesmente deixá-la vir até nós com naturalidade. Devemos esperar pacientemente pelo chamado dela, até que ela nos puxe para dançar, e, então, percebemos que um sorriso já se faz presente no nosso rosto.

Os momentos felizes são como o timbre das nossas vozes: nenhum é igual, todos são únicos. Talvez sejam parecidos, mas nunca se repetem, e isso os torna ainda mais mágicos. Na maioria das vezes, a felicidade vem com um bom momento, independentemente de ser intenso e barulhento ou leve e silencioso. Eu acredito que os melhores momentos são os não planejados, que nos agarram com gentileza, nos inserindo no cenário da felicidade e mantendo-nos ali, sem nos causar desconforto.

Foi numa quarta-feira à noite, quando eu me encontrava infeliz, capenga e triste, que estava conversando por mensagem com um amigo. Então, simplesmente do nada, ele me convidou para ir ao shopping com ele e a mãe dele. Com a permissão da minha mãe, fui. O passeio decorreu de maneira muito divertida, ainda mais porque saí de lá com um lindo box de livros, com a mão suja de sorvete de baunilha que se despedaçou e uma sessão de fotos minhas tiradas no carro pelo meu amigo. Foi divertido, uma memória que ainda está fresca em minha mente e que me fez esquecer os problemas, relaxando de uma forma que só a felicidade pode proporcionar.

Contudo, esses momentos felizes podem ser solitários, onde você se encontra apenas consigo mesmo. São certos dias em que você percebe seu próprio valor e nota o quão maravilhoso você pode ser. Também há aqueles minutos antes de dormir, quando você fecha a porta, apaga a luz, coloca uma música que gosta e começa a dançar, de qualquer jeito, no seu próprio ritmo.

As aparições da felicidade têm durações diferentes, lugares diferentes, sons diferentes. Mas

algo que nunca muda é que, não importa o tempo, ela sempre volta. E, quando voltar, te fará bem. Se essa aparição não te fez bem, então não era felicidade.

Para mim, o charme da felicidade é que ela pode ser lembrada, e a forma como essa lembrança é apresentada, traz um gostinho do momento. Mesmo que as pessoas daquele antigo cenário não estejam mais aqui ou não se falem mais como antes, ainda há, inevitavelmente, um pouco de felicidade na memória. E, se você vê isso da maneira certa, essa felicidade antiga pode ser transmitida até o momento atual.

Dois sonhos, duas meninas realizadas...

Sophia Mariah Garcez



Poderia ter sido apenas uma noite qualquer do dia 6 de julho, entretanto, foi uma data marcante para duas meninas: uma adolescente de 14 anos e uma criança de 7 anos.

Tudo começa pela manhã desse dia tão aguardado por essas duas. Fernanda, uma criancinha ansiosa para ver pela primeira vez sua irmã se apresentar na dança, sonhava com esse momento. Seu desejo era poder assistir a uma apresentação de dança, pois, ao acompanhar sua irmã mais velha em suas aulas, despertou uma paixão pela arte. Porém, esse sonho só poderia ser vivido assistindo à peças teatrais e espetáculos.

Algumas horas depois, Fernanda reapareceu pela casa gritando:

— Apressem-se! Apressem-se! Não podemos nos atrasar, justo hoje! Temos que chegar a tempo! Mamãe, papai, vamos logo...

— Fernanda, não faça folia nem força. Precisamos de você bem e, especialmente, calma — disse sua mãe, com uma expressão carinhosa, enquanto colocava as mãos sobre os ombros de Fernanda.

Ayla, irmã de Fernanda, já estava no teatro, junto com suas colegas, ensaiando para a apresentação. O local estava lindo. Com o tempo, os pais de cada dançarina, amigos e conhecidos foram chegando e se acomodando em seus assentos, aguardando ansiosamente para vê-las, embelezadas e flutuando sobre aquele palco vazio.

A família de Ayla se sentou em uma das fileiras mais próximas ao palco para apreciar cada detalhe da apresentação. O espetáculo começou da melhor forma para eles, com Ayla dançando um solo. Mas não era qualquer solo. Era uma coreografia que ficaria marcada na vida dessa família de diversas formas.

Fernanda, com seus olhinhos brilhando mais que o sol e as estrelas, com toda certeza foi a pessoa mais feliz do mundo. Para o agrado de sua mãe e pai, ela estava vidrada no espetáculo inteiro, como se não piscasse para não perder um segundo sequer daquela cena. Sua boca expressava o sorriso mais sincero e inocente que uma criança poderia ter. Para ela, poderia ser cotidiano contemplar dançarinas e sonhar um dia ser uma delas.

Ao final da apresentação, encontraram Ayla para parabenizá-la. Ela não esperava ouvir palavras tão marcantes e especiais de sua irmãzinha. Essas palavras foram pronunciadas com uma voz fraca:

— Irmãzinha, você foi plena, parecia uma pena flutuando sobre o céu, como uma deusa. Foi algo que nem palavras, nem gestos, nem os poemas mais belos poderiam descrever. Só olhares, dos mais intensos e apaixonantes, poderiam representar uma fração do que foi assistir você. Prometa-me que continuará a dançar por mim, mesmo que aconteça o pior, algo que já esperamos, mas nunca desista. Lembre-se de como amo te ver dançar!

— Fernanda, você aqueceu meu coração, e eu cumprirei minha promessa. Eu amo você, mil milhões... — foi o que Ayla respondeu, com os olhos cheios de lágrimas, olhando para Fernanda em sua cadeira de rodas, sem cabelo e com a boca ressecada.

— Antes de irmos, eu e o papai queremos mostrar uma foto que tiramos da sua apresentação, Ayla. Você e suas amigas dançando lindamente. Vamos mandar fazer um quadro enorme e pendurar na sala, para sempre recordarmos desse momento.

Alguns anos se passaram. Ayla inaugurou um teatro com o mesmo solo do dia 6 de julho de 2018. O mais emocionante foi o nome que o teatro recebeu, homenageando Fernanda. Sua família comprou e nomeou o espaço como "Teatro Fernanda". Porém, isso é algo que Fernanda nunca poderá ver, pois, 8 meses após o 6 de julho, ela veio a óbito devido a um câncer.

A foto tirada pelos pais durante a apresentação estava pendurada ao lado de um retrato de Fernanda na entrada do teatro.

Um dia nos palcos

Ana Luiza Moreira Cardoso

Acordei como em qualquer dia, mas não era um dia qualquer. Era o dia da minha apresentação. Para uma dançarina, o dia da apresentação é o mais importante do ano, e embora parecesse ser um dia comum, sabia que não era.

Logo que acordei, fui tomar café para ir ao último ensaio. Me arrumei, coloquei o figurino e logo cheguei ao local. Foi então que me dei conta de que seria a última vez que poderia errar. À noite seria a apresentação, e ninguém quer falhar no palco. Foram horas e horas de ensaio, coreografia após coreografia. Cada vez mais perto do espetáculo, meu coração acelerava.

Após o ensaio, voltei para casa para comer e descansar um pouco. É bem raro eu realmente fazer uma refeição completa no dia da apresentação devido ao nervosismo, então comi um misto quente e fui descansar. Nisso, acabei dormindo.

Acordei algumas horas depois e fui direto para o banho, pois logo precisaria me preparar. Assim que terminei, coloquei meu figurino e comecei a me maquiar. Não sou a melhor maquiadora do mundo, mas sabia que era necessário para compor melhor o personagem. Sempre demoro um pouco, pois a cada minuto tenho uma ideia diferente.

Depois de algum tempo, terminei, deixando minha mesa uma bagunça. Não podia parar para arrumar, estava com pouco tempo. Fui prender meu cabelo e ajustar os últimos detalhes. Fui de chinelo, pois iríamos dançar descalços. Ainda faltava uma hora para a apresentação, mas todos os dançarinos tinham que estar lá com antecedência, por algum motivo. Sempre foi assim, mas nunca soube o motivo exato.



Sáímos correndo para evitar chegar atrasados. Contava os segundos para o início e, na minha cabeça, repassava as coreografias, passo por passo, movimentação por movimentação. O medo de

esquecer algo era imenso. Fiquei perdida nos meus pensamentos e, quando voltei à realidade, já estávamos no teatro.

Cada passo em direção ao camarim parecia uma tortura, com o medo enorme e o coração batendo rapidamente. Chegando lá, entrei em mais desespero ao ver os horários de cada coreografia e perceber que as minhas duas coreografias eram seguidas uma da outra. Pelo menos não era no começo, então eu poderia me acalmar até lá.

Os minutos antes da apresentação são os piores: pessoas desesperadas atrás de peças de figurino, crianças chorando, a diretora gritando pela atenção de todos — o completo caos. Nos reunimos para rezar o Pai Nosso e desejar sorte a todos.

O espetáculo começou, e para minha surpresa, eu estava calma. Tirei o chinelo para não correr o risco de entrar no palco com ele e fiquei esperando a vez da minha turma. Cada coreografia que passava aumentava meu nervosismo. Tentava me acalmar quando chamaram minha turma. Fomos para a coxia e pude ouvir os aplausos do público para as pessoas no palco, além da música se aproximando do fim. Quando percebi, já era a minha vez de entrar.

Acabei a primeira coreografia e, mal saí do palco, já entrei novamente. Realmente, duas coreografias seguidas são cansativas, mas nada supera a felicidade depois. O orgulho de pensar: "Eu fiz, eu consegui".

Fiquei esperando a finalização. Como minhas coreografias foram algumas das últimas, não demorou muito. Quando o elenco todo subiu ao palco para agradecer, a sensação de conclusão superou todo o nervosismo que senti. Eu realmente amo os palcos.

A viagem que vai mudar a minha vida

Fernanda Manzolli Sobrinho

Sabe aquela notícia que te faz querer gritar, se revoltar? Pois então, foi exatamente o que aconteceu comigo há uns quatro meses, quando meus pais chegaram para mim, nas minhas férias de julho (ou de inverno, não sei como vocês chamam), e disseram: “Vamos nos mudar”.

Como não sou boba, esperei para saber o destino, quem sabe eu poderia ir morar nas Bahamas, mas não foi bem isso. Depois de surtar, óbvio, fui pesquisar e descobri que a cidade tem em média cem mil habitantes, ou seja, não é muito conhecida. O nome dela é Vilhena, em Rondônia.

Saber da mudança me fez lembrar de tudo o que vivi nos meus quinze anos em Curitiba. Ah, que cidade maravilhosa! Nasci aqui, conheço cada pedacinho, cada pessoa da vizinhança, quase todo mundo da escola, o Bagozzi, onde estudo desde que me entendo por gente. E você tem ideia de como vi muita gente começando do zero? Hoje, vejo quem construiu uma vida no colégio, ensina, cuida, faz tudo por amor. E me entristece saber que vou ter que deixar esse lugar onde me formei como ser humano. Afinal, acho que cada puxão de orelha que o pessoal do Bagozzi me deu, realmente funcionou.

Bem, o motivo pelo qual estou escrevendo esta crônica é para honrar cada pessoa que me ajudou, me compreendeu e caminhou comigo por essa jornada.



A escola foi um local onde passei grande parte do meu tempo. Os professores brigam, riem, têm personalidades tão específicas que te fazem lembrar deles muitos anos depois. Todos têm um professor que marcou sua vida, e por isso agradeço a cada um deles. Infelizmente, não poderei mais dar “bom dia” para os funcionários da escola, pois vou morar em Vilhena.

Aos meus queridos amigos, que são pessoas com poucos parafusos na cabeça (mas que eu amo muito!), sou eternamente grata pelo jeito como me colocam para cima quando a situação é ruim, pelas risadas e pelas vergonhas que me fazem passar. A eles devo agradecimentos pelos ótimos e engraçados momentos. Vai ser difícil achar novos.

À minha vizinhança, lamento pelos dias da minha infância, quando jogava bolas para os seus quintais e nunca me devolviam. Podem ficar com elas, já passou tanto tempo! Tenho que dizer que as madrugadas de festas ficaram marcadas em mim, no meu pouco sossego daqueles dias. Não tinha

como não ouvir a música, até os aviões que passavam achavam que estavam em turbulência. Mas, foi muito legal! Se hoje eu conheço Lionel Richie, Chitãozinho e Xororó, Beyoncé e até música punk, é felizmente ou infelizmente por causa de vocês.

Às pessoas da igreja, tenho que agradecer. O bolo que uma senhora fazia era um pedaço do céu, e não vou esquecer, quer dizer, ela. A todos que me ajudaram mais de uma vez, muito obrigada!

De uma coisa eu sei: me inscrevi em um concurso literário com essa crônica para finalizar minha estadia nesta cidade, nesta escola e neste bairro com chave de ouro, para que todos saibam o quanto é importante olhar ao redor.

Isso me faz lembrar de um costume meu. Sempre que estou pensativa e triste, olho pela janela e tento enxergar além da situação. Desde criança faço isso e, bem, quando recebi a notícia da mudança, foi exatamente o que fiz. Também surtei, mas refleti sobre todos que me conhecem e pensei: “Eles não iriam querer que eu tivesse meus últimos dias aqui chorando.” Por isso, fiz esse texto para honrar toda a minha história. E, caso eu vença o concurso, saberei que meu trabalho aqui foi cumprido. Marquei a vida das pessoas que amo e dos leitores também. Daí, eu vou embora em paz.

O doloroso silêncio juvenil

Izabel Klaumann Bescorovaina



Após o recreio, em uma sala de aula com piso de madeira, paredes de gesso pintadas de azul bebê, carteiras desconfortáveis de ferro (onde até o chão parece mais convidativo para se sentar) e um quadro negro desgastado, coberto de pó de giz, um aluno rezava de olhos abertos, com os dedos entrelaçados com força, fazendo um pedido repetido sem pausa em sua mente. Seus olhos estavam fixos na porta branca ao lado do quadro, onde seus colegas se reuniam, curiosos. As pontas dos seus dedos se contraíam a cada tremor da mão, e as palavras em sua cabeça clamavam tão alto que sua boca não conseguiu conter a voz.

— Falte, por favor, falte. — Sussurrou o menino, com um pouco de esperança no tom.

De repente, a multidão que se aglomerava na porta se dissipou, quebrando-se em duplas ou trios que voltaram para seus lugares com desgosto e amargura nos olhos. O professor havia chegado.

João, o professor de Geografia, passou pela porta com um sorriso largo, um leque na mão direita e uma mochila preta pendurada no ombro esquerdo. O cabelo castanho destacava seus olhos azuis. João soltou sua mochila no pé de sua mesa e se acomodou na cadeira acolchoada.

O menino que rezava, soltou uma das mãos bruscamente e se jogou na carteira, apoiando a cabeça no encosto e ficando cara a cara com a mesa fina. A sala se rompeu em reclamações, risadas, bufadas e reviradas de olhos. O professor então se levantou com uma folha na mão e gritou para a turma:

— Ensalamento!

A turma, como um coral, suspirou. Enquanto se ajeitavam, João perguntou por que não seguiam o mapa de lugares que ele havia criado, separando as amizades e deixando-os desconfortáveis, quebrando seu orgulho ao obrigá-los a sentar onde o professor os colocou.

Com todos sentados, João começou a chamada, seguindo o mapa de lugares. Os alunos começaram com murmúrios e mímicas. Logo, o alvoroço tomou conta da sala. Lá se foi o sorriso de João, que tanto irritava o menino, jogando sobre ele uma sensação de desconforto.

— Pedro! — Chamou o professor. — Vamos fazer uma aposta? Quem consegue ficar mais tempo prestando atenção na aula do João?

Pedro, o menino que rezava no início da aula e, ao ver o professor chegar, voltou a se considerar ateu, aceitou a aposta.

Já estavam no meio da primeira aula quando Pedro brincava com um fio azul-marinho que arrancara de sua blusa. João, sentado em sua cadeira, explicava os slides de forma pausada e repetitiva.

— Pode-se ver que a massa de ar é quente, porque... Ela vem do deserto, que é quente. Entenderam? Sim? — Perguntou o professor, apontando para o slide ridículo, com uma borda verde, um retângulo vermelho no centro, frases longas que ninguém lia e uma imagem tão pequena que não ocupava nem um quarto do slide.

O tom de João era melancólico, e a sensação ao ouvi-lo era como se um peso entrasse nos ouvidos, penetrando o cérebro. Parecia que o professor estava sofrendo, como se acreditasse que os alunos fossem a causa de seu mal. Os alunos estavam errados? João realmente machucava alguém, ou eram eles que o machucavam? Mas a turma inteira estava contra o professor, talvez por isso ele sofresse tanto. O fogo queimava Pedro por dentro a cada aula de Geografia, mas isso não poderia ser apenas ficção em sua cabeça... Ou poderia?

Com a sala silenciada, baseando-se em ameaças, Pedro se viu sozinho com seus pensamentos. Não escutava nenhuma voz além da de João, mas sua cabeça estava cheia de ruídos finos, sussurros baixos e gritos ensurdecedores. Ele tentava encontrar em sua mente uma justificativa para seu ódio, mas nada surgia.

— Então vamos para o intervalo! — Disse João, no final da segunda aula, que Pedro mal havia notado passar.

Todos os alunos saltaram de suas carteiras suadas e se aproximaram uns dos outros. Finalmente, o intervalo de 10 minutos começou (na prática, durando apenas 5). Pedro não sabia se sua mente estava tão cheia ou tão vazia que ele havia criado as vozes. Mas o que importava? Se ele não conseguia entender o porquê de tanto sofrimento durante as aulas de Geografia? A terceira aula começou, e os alunos voltaram aos seus lugares.

— O que é um rio flutuante? — Perguntou João.

A sala ficou em silêncio.

— Como vocês não sabem disso? Não prestam atenção na minha explicação?

— A gente não sabe porque ele não explica direito. — Sussurrou Pedro para o colega à sua frente, que deu uma risada contida.

A fala do professor feriu Pedro, sua autoestima e confiança. Como em todas as aulas, seu peito queimava, seu sorriso se forçava, sua voz aumentava sem controle, suas mãos tremiam, suas pernas estavam amortecidas, sua respiração pesada, suas ideias densas, seu foco perdido. Por que doía tanto a cegueira do professor diante do potencial de Pedro? João, em suas aulas, mandava o garoto se acalmar, ficar calado, prestar atenção — uma cobrança sem fundamento, um valor atribuído a algo que não estava sequer presente.

Pedro desistiu de lutar. Não queria mais sentir tudo o que acontecia em sua cabeça, mas estava ficando escuro e pequeno, sufocante. Ele se perguntava: “Eu sou o monstro? Eu deveria sumir?” Então, ele controlou sua respiração e ficou encarando o chão com suas madeiras padronizadas. O garoto não escutava, não via, não entendia. Apenas sentia o que sua mente dizia e tentava transformar suas emoções em palavras.

Pedro não odiava João. Era o João que destruía sua autoestima sem perceber, mas Pedro fazia o mesmo com ele, com seu sarcasmo e desrespeito. Tornava-se um ciclo vicioso e psicológico, mas quem poderia dizer que o aluno estava certo? Quem exclamaria que o professor causava pânico e lágrimas no aluno, fazendo-o se sentir insuficiente, burro, maldoso ou até como um monstro? Mas todos falam que o respeito ao professor é essencial, que é uma obrigação, independentemente do contexto.

Tudo isso, talvez, fosse apenas uma teoria louca na cabeça de Pedro. Afinal, ele era só um aluno preguiçoso, tentando fazer o mínimo e tirar uma boa nota sem merecer, ou ao menos, era assim que sua turma o via. Era melhor esquecer. Pedro limpou sua mente e ignorou seus pensamentos, porque, se nem o professor percebia as mágoas criadas e alimentadas na sala de aula, talvez tudo fosse apenas uma fantasia insana alimentada pelo silêncio dentro de sua cabeça.

— Pedro, você pode prestar atenção? — Chamou João.

— Sim, professor? Eu não estava escutando, o que você quer?

João suspirou, sentindo-se insultado, e Pedro escondeu o que havia visto. E ali, o ciclo recomeçou.

A vinda de uma criança pode mudar uma família

Lívia Giorgia Fadel Ferreira dos Santos



Ah, Alegria! O que há em uma criança que traz tanta alegria? Acho que uma criança tem um pouco do brilho de Deus; elas transformam tudo ao seu redor com sua chegada. Comigo foi parecido, mas não acredito que eu tenha vindo com o brilho de Deus; acho que foi mais uma forma de melhorar a relação da minha família.

Era uma família séria. O vovô e a vovó viviam se aguentando, e mamãe trabalhava o dia todo junto com papai, só chegando ao final do dia cansados. Papai, acho eu, é a ovelha negra da família, afinal, vive fazendo palhaçadas, colocando apelido até em quem não conhece, adora uma fofoca, sendo o completo oposto do lado materno. Mas havia muitas brigas entre a mamãe e meus avós, era o que ela dizia. Também dizia que foi assim até o meu nascimento, quando tudo mudou.

O que pode o nascimento de uma criança mudar em uma família nada alegre? Eu diria, tudo. Minha avó sempre foi muito rigorosa, mas eu era um caso à parte: a primeira e única neta. Devo dizer que, ao contrário da mamãe, eu tinha carisma. Óbvio, brigávamos, mas nunca foi nada sério. Enquanto eu queria assistir desenhos animados, ela queria ver o terço do padre Reginaldo Manzotti. Já meu avô me levava, com um carrinho de bebê, para a República Argentina, motivo pelo qual várias pessoas me conhecem, mas eu não as conheço. Ele também adorava comprar chocolate, e não era só um chokolatinho, era uma barra. Digamos que isso me fez ser viciada em chocolate e adorar comer uma barra. Hoje em dia, já consigo controlar um pouco melhor esse vício, que é amar chocolate.

Meus pais iam cedo trabalhar, então eu ficava com os meus avós a maior parte do tempo. Era nesse tempo que eu mais me divertia. Eu lia livros, brincava com eles, fazíamos coisas só nossas. Cheguei até a aprender a rezar com eles. O que mais lembro é de dormir junto deles, mas não dormia, queria brincar. Minha mãe, antes de ir para o trabalho, me deixava na cama com eles para eu não ficar sozinha no bercinho. Claro que, como eu já estava acordada, não queria voltar a dormir. Então, eu brincava com o vovô e cutucava as pelancas da vovó, enquanto ela dormia.

Um dia na praia

Maria Clara Prochnow

Era um dia bem ensolarado, sem nenhuma nuvem no céu, um “céu de brigadeiro”, como dizia minha mãe. Eu, meu pai e minha mãe tomamos um café da manhã bem reforçado, daqueles que têm misto quente, suco de laranja e um pão com geleia bem saboroso. Todos estavam se preparando, iríamos à praia. Ver a multidão na calçada em frente à janela do hotel, crianças com brinquedos de praia, adultos carregando aquelas caixas térmicas cheias de gelo e bebidas, o cheiro doce de protetor solar... tudo aquilo me animava muito.

Finalmente, chegou o grande momento: descer as escadas e ir ao tão esperado paraíso. Eu estava levando uma pequena bolsa com desenhos de estrelas-do-mar e um balde com brinquedos. Minha mãe levava um guarda-sol verde e uma caixa térmica, com águas de coco, salgadinhos e cervejas, e meu pai carregava as cadeiras de praia junto com a minha prancha de isopor. Naquele dia, ele disse que me ensinaria a surfar.



Chegamos à praia. O sol estava escaldante, havia pessoas debruçadas na areia, com as costas vermelhas e ardentes. O barulho das ondas batendo, o cheiro do mar, era tudo muito novo e empolgante. Colocamos nossos pertences na areia e eu já convidei meu pai para irmos ao mar. Eu queria muito aprender a deitar na prancha e sentir as ondas me levando. E então fomos, de sunga e biquíni combinando, o que era moda na época, o famoso “tal pai, tal filha”. As ondas batiam forte, e eu entrava no mar pulando como uma lebre, meu cabelo voando no rosto, e eu me sentia a pessoa mais feliz do mundo. Já ele, estava com a barriga encolhida, os ombros para dentro e com frio, pois a água estava gelada, mas feliz em ver a felicidade no meu rosto.

— Filha, deita em cima da prancha, segure bem firme aqui na frente, e quando a onda te levar, bate os pés — disse ele, olhando para mim e para trás ao mesmo tempo, para que não fôssemos levados pelo mar.

Esperamos uma onda razoavelmente média, e lá fui eu. A onda veio, eu me deitei, me segurei e bati os pés. Ela me levou como uma pena. Eu olhava para os lados e para frente, feliz de que tinha dado tudo certo.

— Papai, você me viu indo lá para frente? Deu tudo certo! Deu tudo certo! Vamos de novo!

— Eu vi sim, filha! Parabéns, querida, vamos mais uma.

E lá estávamos nós de novo, esperando por mais uma onda. Meu pai avistou uma onda bem

grande, de longe. Era tão grande que parecia uma palmeira.

— Pai, o que fazemos agora?

— Não dá tempo de voltar para a areia. Eu vou mergulhar na onda e você surfa nela, não tenha medo — disse ele, segurando seus óculos de sol e seu boné para não perder.

E naquela situação, não tivemos mais tempo para resolver o que íamos fazer. Concordei e fiz a mesma coisa que antes, mas com um desafio maior. Deitei, me segurei e bati as pernas. Mas a onda quebrou em cima de mim, fazendo com que eu desse cambalhotas debaixo da água, sendo levada até a areia. Com areia no cabelo e dentro da roupa de banho, os olhos e a garganta ardentes da água salgada, e o nariz trancado, saí de lá chorando como um bebê. Logo, meu pai foi atrás de mim, da cabeça aos pés encharcado, rindo do ocorrido. Nos secamos, sentamo-nos nas cadeiras, tomamos uma água gelada e respiramos um pouco. Me acalmei, já não estava mais soluçando, com uma toalha nas costas. Então, contei o que aconteceu.

— Agora já foi, outro dia tentamos de novo e tudo certo — disse meu pai.

— Não sei se quero tentar de novo — disse eu, rindo de nervoso, sentindo que aquele momento havia arruinado meu dia.

Meu pai se sentou em uma cadeira e pegou uma cerveja, minha mãe colocou uma das cadeiras no sol, e dizia que queria ficar apenas com o branco dos olhos, o que foi engraçado. Eu me sentei na areia e comecei a brincar.

— Papai, você gostaria de experimentar o meu bolinho em formato de caranguejo?

Dizia eu, com um pouco de areia e água do mar misturadas numa forma.

— Ah, filha, obrigada, papai come sim — disse meu pai, não ficando muito feliz em sujar suas mãos com areia, mas fingia colocar na boca e logo em seguida jogava a areia para o lado da cadeira onde estava sentado.

Passamos o dia na praia e depois fomos para casa. Enquanto meu pai tomava banho, minha mãe conversava comigo.

— Filha, vou te explicar uma coisa.

— Pode dizer, mãe.

— Não é porque uma parte do seu dia foi ruim que o seu dia inteiro vai se tornar ruim. Você está segura e sem nenhum dano corporal. Olhe pelo lado bom. Nem sempre tudo o que acontece em nossas vidas devemos reclamar. A primeira vez você conseguiu, não foi? Então, teve um erro, mas já vai desistir? Nada disso. Isso que estou falando é para tudo: seja um caldo do mar, uma nota ruim, uma coisa não esperada. Nunca estrague seu dia por conta de apenas um momento dele. Depois desse dia, eu confesso, toda vez que alguém me pergunta: “Como foi seu dia hoje?”, eu respondo com um sorriso no rosto dizendo que foi o melhor possível, mesmo às vezes com coisas não tão boas, mas que nós não temos o direito de dizer que o dia inteiro foi ruim por causa de um acaso só.

A Rua

Ana Julia Siqueira de Campos

O professor termina de falar e começa a guardar suas coisas. Temos até o final da tarde para encaminhar a versão final do nosso trabalho, mas as palavras não estão automaticamente se digitalizando no meu computador. Sigo para o jardim. O ar fresco, as flores e o silêncio dos outros alunos, também desesperados, ajudam a colocar meus pensamentos no lugar. Desde que me mudei, este lugar tem sido onde mais encontro tranquilidade — me lembra dos momentos em que sentava na varanda com minha avó e falávamos da vida dos outros.

Minha amiga se apoia na grade ao meu lado. Nós duas, no silêncio, apreciamos a rua à nossa frente.

— Quer tentar terminar o texto?
— ela quebra minha bolha.

A resposta é não. Se toda vez que tento, me frustro, é amedrontador pensar que talvez eu não seja tão boa naquilo que amo, ou que pensava amar. Mas creio que meu professor não irá compadecer-se da minha má fase e bloqueio criativo. Após algumas horas de trabalho duro, e mal feito, não envio o arquivo sem estar cem por cento contente com o resultado final. Não quero algo que seja apenas o suficiente para passar.

Estamos novamente encarando a rua, mas desta vez com um café em mãos. Vemos as crianças correndo, adolescentes passeando, adultos conversando. Isso me faz pensar em tudo o que já vivi e nem me dei conta. É engraçado como o tempo passa. Tem dias que as horas se arrastam, parece até que o relógio está quebrado, ou que estou apenas na aula de física, mas quando vejo o calendário, os meses voaram e nem percebi.

Desta vez, as mudanças foram mais drásticas. Minha cama é outra, o teto que olho toda noite já não é mais o mesmo, a comida tem um sabor diferente e as pessoas que me dão bom dia e me



desejam boa noite são outras. Já me acostumei. Melhorei muito no quesito responder mensagens. Se demorar demais, é provável que fique semanas sem falar com aqueles que me faziam rir toda hora.

— Você está com saudades? — Ela mais uma vez quebra o silêncio.

Sim, sinto falta todos os dias do que deixei para trás para estar aqui, mas isso nunca me fez querer voltar ou odiar essa nova fase. Pelo contrário, me dá certeza de que amo tudo aquilo que ficou. No entanto, o sentimento de que deveria ter aproveitado mais não me larga. Sabe, deveria ter levado mais a sério quando minha avó falava que o tempo passa voando. “Parece que foi ontem que você chorava porque não queria tomar banho” e “Aproveita enquanto é jovem”. Mesmo nessa minha vida curta de dezessete anos, cheguei ao ponto de olhar fotos dos meus primos e tentar entender como eles podem ter dez anos se foi ontem a festa de cinco. Deveria ter ficado mais naquele almoço, ido ao jantar que disse não estar me sentindo bem, continuado a conversa por mais cinco minutos. Assim, não estaria com esse sentimento. Aí sim, não me sentiria mal de ter ido embora. Que mentira.

Não acho que seja verdade que só damos valor quando perdemos. A saudade tem o poder de camuflar todos os defeitos. Por que será que existem tantas pessoas voltando com seus ex-namorados (ou ex-namoradas), mesmo sendo pessoas horríveis? Tenho certeza de que, se retornasse hoje, em poucas semanas estaria me arrependendo. Lembraria deste jardim e, de repente, os trabalhos, o bloqueio, o cansaço das aulas não existiriam mais.

Não importa onde eu esteja, o passado parece sempre mais suportável. Mas escutei uma vez de uma pessoa muito inteligente — vulgo minha mãe:

— Isso é apenas algo que daqui uns dias vamos estar dando risada.

Uma hora para o prazo final e sinto que posso voltar a encarar a tela com palavras aleatórias. Não que o trabalho trate de superação, família e memórias, mas sobre algum filósofo cujo nome ainda não sei escrever. Envio, orgulhosa com o resultado. Às vezes só precisamos de um bom café e uma rua.

Dia dos pais

Beatriz Franco de Godoy

Tudo mudou ao vê-lo sentado naquela plateia. Olhei-o com o sorriso mais sincero que uma criança de apenas três anos poderia oferecer. Era uma apresentação de educação infantil como tantas outras, uma celebração do Dia dos Pais, dedicadas àqueles que sempre estiveram ao nosso lado, nos vendo crescer, nos apoiando e sendo nosso porto seguro.



A pedido da escola, eu vestia uma gravata dele, com listras pretas e laranjas, uma camisa social branca que também fazia parte do seu guarda-roupa, e um bigode com cavanhaque desenhados às pressas com um lápis de olho. Ele estava impecável, como sempre: camisa de botão salmão, calça e sapatos sociais.

Ao final da apresentação, corri para lhe dar um abraço apertado. Ele me pegou no colo, e ali fiquei. Seu colo era o melhor lugar do mundo — o colo que acalma, acalenta e transmite paz e aconchego. Olhei ao redor e vi todas as crianças indo ao encontro de seus pais, mas eu não me importei. Tinha algo muito mais especial: meu avô.

Hoje, olho nos olhos dele, que agora carregam as marcas da vida, mas ainda refletem a alma mais pura que existe. Aos domingos, ele faz questão de me buscar em casa para almoçarmos juntos. Passamos a tarde rindo, conversando e jogando os mesmos jogos de sempre. Ele não sabe, mas esses são meus dias favoritos, aqueles em que estamos lado a lado. Ele sempre se preocupa comigo, pergunta sobre a escola, minha mãe e se estou precisando de algo.

Respiro aliviada, porque sei que, com ele ao meu lado, nunca me faltará nada — principalmente amor. Mas existe um medo que carrego comigo: o medo do dia em que ele se for. Tenho certeza de que será a pior dor que já senti. Não consigo imaginar um mundo sem ele, aquele que sempre despertou o melhor em mim e me ensinou, dia após dia, a ser uma boa pessoa. Quando esse dia chegar, pedirei a todos os céus que me levem junto a ele, porque não quero um mundo sem o meu avô — o homem que sempre ocupou o lugar mais especial no meu coração e na minha vida.

Essas Coisas Sobre Irmãos e Heróis

Eduarda Pizzatto Minatti

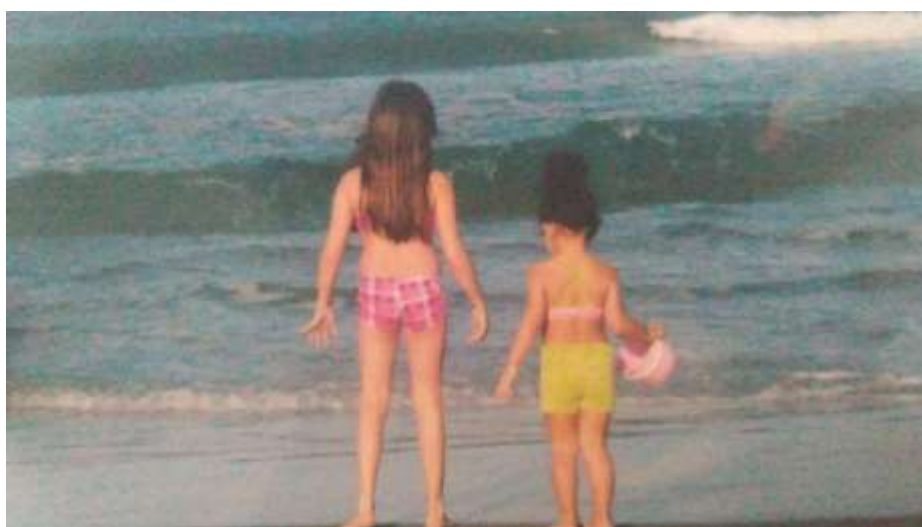
Entre todas aquelas ondas que chegavam até a areia da praia, estávamos você, eu, nós. Memoráveis eram os mergulhos rasos que você fazia com o objetivo de me impressionar. A cada passo que dávamos, a brisa batia mais forte em meus cachos, que sempre insistiam em voltar como as molas que pareciam ser. Eu acreditava que, se continuasse admirando seus truques e manobras geniais, Deus me concederia a chance de fazer igual. Você era uma imagem perfeita, o tipo de herói que as crianças adoram. Cada gesto bobo que me fazia encantar parecia pouco para você.

Hipnotizada, apesar da pouca idade, eu já tinha a certeza de quem queria ser — queria ser como você. Apesar do vento forte que soprava devagar, da areia úmida e macia que tocávamos com os pés e da imensidão do mar que nos cercava, nada era mais impressionante do que você. Sua silhueta, até mesmo sua sombra, era única.

Andávamos mais e mais, até que, ao olhar para trás, ouvi nossa mãe gritar: — Voltem! Estão longe, é perigoso se perder!

Eu me impressionava com a força daquele lugar, que parecia me puxar para longe sem esforço algum. Eu poderia ir tão longe que talvez não conseguisse voltar. Enquanto isso, nosso pai corria ao encontro das ondas e se jogava nelas para nos fazer rir. Você ria, ria um pouco mais, e então falava sobre coisas bobas, usando as palavras do jeito mais infantil possível para que eu entendesse. Apesar disso, você sempre foi inteligente o suficiente para brincar com palavras difíceis.

Eu sabia o quanto você se importava comigo, mas, na verdade, o que você dizia pouco importava. Só te ouvir falar já satisfazia meu desejo de estar ao seu lado.



Era incomparável a sensação de estar com você, mesmo sabendo que o tempo entre nós nem sempre seria um grande "mar de rosas". Contemplar o horizonte ao seu lado, naquele momento tão novo para mim, me fazia feliz. Senti que estava vivendo um sonho ao seu lado, minha heroína.

Notei o quão magnífico poderia ser ter uma relação com você sem barreiras ou dificuldades, apenas amando sem cansaço, compartilhando momentos. Passei a desejar uma infinidade de ideias e planos que queria viver com você como minha melhor amiga.

Os segundos daquele momento pareciam se estender em horas, em eternidades. Uma impressão boba, talvez, fruto da minha grande imaginação que me fez crer que seu amor estaria para sempre na minha vida. Um pensamento infantil... eu só tinha cinco anos.

O relógio da Rua 24 horas

Fernanda de Oliveira Picolotto Testa

Eu estava atrasada, ridícula e indubitavelmente atrasada. Assim como no dia anterior e no anterior a esse, estava atrasada novamente. O relógio da Rua 24 Horas marcaria mais um turno, o sol reluziria nas janelas de vidro, o ônibus partiria e a cidade, já no segundo turno, não esperaria por mim. Assim, pensava Evangelina enquanto terminava de se arrumar, oficialmente, mais do que atrasada.



O segundo ônibus a deixaria em frente à igreja. Ao atravessar o mar de asfalto, ela se depararia com uma velha de ombros curvados sob o peso de casacos, caminhando com um saco de pedrinhas nas mãos. A velha olharia para Evangelina, como fazia sempre que seus caminhos se cruzavam, antes de desaparecer no cemitério, visitando os que partiram. Evangelina evitaria encará-la, temendo encontrar tristeza nos olhos da velha, temendo que ela enxergasse o seu luto pelos vivos. Assim, apressaria o passo, como quem foge de um destino inevitável.

Continuaria caminhando, pisando em heras teimosas que brotavam no concreto, apressada como se a esperança que enchia seus pulmões fosse combustível, inflamando promessas que pulsavam em seu peito. Esfregava as mãos para afastar o frio de junho e, ao dobrar a esquina, avistaria o sebo. Lá, na prateleira da vitrine, estaria a caixa com a placa: “Fotos, 50 centavos cada”. Ela já conhecia cada imagem ali — o cachorrinho no colo do garoto, a noiva dos anos 70 com mangas bufantes, o casal no jardim. Todas faziam-na lembrar dele, arrancando um sorriso escondido sob a máscara.

Meses antes, um vírus cruel havia assombrado o mundo, escondendo-se nas frestas e levando consigo quem pudesse. Ele, um bom soldado, partira de bom grado para o combate, desabilitando o coração de Evangelina. Mas as fotos a faziam sorrir, porque, mesmo em outra vida, eles ainda se encontrariam — em uma rua agitada de uma terra estranha ou em um romance trágico de Shakespeare. O tempo era o único capaz de detê-los.

Seu destino terminaria na Rua do Visconde. Ela entraria na catedral de vidro, sendo recebida pelo relógio no alto da construção, que mais uma vez lembrava que estava atrasada. Vestiria o uniforme e assumiria seu posto na única cafeteria aberta, servindo a substância vital da população local: café. Xícaras e xícaras — com leite, desnatado, sem cafeína, expresso. Aprenderia os gostos de cada cliente, desconhecendo qualquer outro detalhe de suas vidas. A máscara impediria Evangelina de reconhecer os sorrisos; a distância eliminaria apertos de mão e agradecimentos. Tudo era tão frio e impessoal que o céu cinzento e as ruas desertas faziam da cidade um eterno inverno.

A geada violenta das 19 horas anunciaria o fim do expediente. Guardaria o avental, trocaria a máscara e, no ônibus abarrotado, transformaria suas lamúrias em palavras afiadas, escondidas em um papel surrado do fundo da bolsa. Quando o veículo se esvaziasse, ela, sozinha, reconheceria as pichações nos prédios e saberia exatamente onde estava, sem precisar abrir os olhos. Em segundos, estaria na rodoviária.

O dia sempre terminava ali. Ela caminharia entre passageiros apressados, despedidas e reencontros, mas, ao contrário deles, sentaria em um banco, sem partida ou chegada, esperando. Ele prometera que, quando cumprisse seu dever e salvasse todos que pudesse, voltaria por aqueles portões, e nunca mais se separariam.

Todos os dias Evangelina repetiria sua rotina. Encontraria a velha, serviria café aos apressados e, à noite, sentaria no banco da rodoviária. Mas as mensagens deixaram de ser respondidas; as ligações, de atendidas. Ela tentou cartas, mas escrever tornava a dor real demais. As lágrimas manchavam o papel, ácidas e verdadeiras, tornando impossível manter a ilusão.

Ainda assim, ela deixou o tempo governar sua mente, contando os segundos, minutos e horas, até perder a conta. O tempo dominou também seu corpo; seus cabelos, agora grisalhos, e a pele enrugada eram provas disso. Quando todas as possibilidades se esgotaram, Evangelina desistiu, certa de que nunca mais o veria.

E então, sentada em uma cadeira no café onde um dia trabalhou, ouviu seu nome ser jogado ao vento. Foi pronunciado de um jeito que só ele poderia fazê-lo. Após tantos anos, eles se reencontrariam sob aquele relógio, que, como sempre, marcava sua vida: ela estava atrasada.

Cabeça vazia

Gabriele Martins Assolari

Manhã nublada, ameaçando chuva — mais uma manhã típica de Curitiba. Entro no ônibus e instintivamente busco os fones, prontos para serem meu refúgio no início de mais uma semana cheia de incertezas. A busca termina em decepção: esqueci os fones. Engulo o sentimento que ameaça se alojar na garganta e deixo minha mente vagar, em uma tentativa de fazer o tempo passar.

Minha cabeça vazia é, na verdade, uma ilusão. Está cheia, repleta de responsabilidades invisíveis, mas implacáveis. Ser boa para todos, mesmo negando para mim mesma que faço isso. Ser boa no que faço, por mais que me digam que sou, nunca parece suficiente. Manter o posto, garantir que ninguém diminua meu valor. Ser amigável, mesmo sabendo da maldade que, às vezes, se esconde nos outros. Ser perfeita, mesmo sabendo que isso é impossível. Pelo menos, é o que tento dizer a mim mesma quando justifico minhas falhas. Quem nunca?

Me pego lembrando de um dia na casa da minha avó, quando era pequena. Era um daqueles momentos perfeitos na memória: família reunida, comida na mesa, até o sol fazia uma aparição rara no céu. Minha cabeça, então, realmente vazia, estava ocupada apenas com os pensamentos de uma criança sobre como criar novas brincadeiras com a Pops, a cachorrinha da minha tia.

O almoço estava pronto e fomos todos para a mesa. Tios e tias, meus pais, meu irmão e minha avó. A conversa fluía entre eles, cheia de assuntos que eu não entendia — ou talvez nem quisesse entender. A panela de brócolis na mesa me chamava mais atenção. Depois de ser servida pela minha mãe, voltei ao quintal com um novo companheiro: um ursinho de pelúcia que resgatei do quarto da minha tia. Ele parecia tão solitário. Precisava de mim.



Passei a tarde brincando com Pops e o ursinho. Pops não aprovava minhas tentativas de transformá-la em cavalo, mas adorava quando fazia carinho na sua barriga. Encontrei uma coleira e coloquei no cachorrinho de espuma, criando um novo jogo. Quando me cansei de ideias, voltei para dentro com meus dois "animais". A cozinha já havia sido arrumada e a sala estava ocupada. Os homens assistiam futebol, comemorando gols, enquanto as mulheres reclamavam sobre o preço das coisas no mercado.

Tentei interagir. Meu irmão estava no celular e mal me notou. Meu pai estava imerso no jogo. Minha mãe conversava, mas minha tia me puxou antes que eu pudesse dizer algo, encheu-me de beijos e me soltou logo em seguida. Rendida ao cansaço, deitei no sofá que parecia me chamar. Pops não podia subir ali, mas estávamos exaustos — era justo.

Segurei firme a coleira do ursinho, como se ele pudesse escapar. Por mais que tentasse lutar contra o sono, perdi a batalha. Meus olhos fecharam e tudo desapareceu.

Muitos dizem que cabeça vazia é sinal de preguiça. Talvez seja porque não se lembram mais de como é realmente estar de cabeça vazia. Quando as portas do ônibus abriram, a realidade atual me puxou de volta. Funcionou. Enchi minha mente de pensamentos, e o tempo passou mais rápido. Mas será que quero que ele passe assim? Não sinto saudade de quando não pensava em nada? Começo a semana exatamente como ela sempre me recebe: com incertezas.

O melhor de mim

Giovanna Wolter Cioffi

Eu estava atrasada. Para ser sincera, sempre estou atrasada, mas dessa vez foi especialmente desagradável, afinal, era o meu aniversário de 16 anos. Familiares e amigos já me esperavam no primeiro andar de casa, mas eu simplesmente não conseguia encontrar o salto que queria usar. Não podia ser outro sapato; tinha que ser aquele.

Estava há vários minutos em frente às prateleiras do closet, procurando sem sucesso, até que olhei para cima e lá estava ele. Só havia um problema: com meus 1,55 m, alcançá-lo seria um desafio. Não me deixei intimidar. Fiquei na ponta dos pés, estiquei-me o máximo que pude, e com a ponta do indicador empurrei a caixa até ela cair. Dei um gritinho de alegria ao vê-la no chão, mas logo me arrependi: junto com ela, veio uma avalanche de outras coisas empilhadas na mesma prateleira.

Tentei me encolher para evitar o impacto, mas não adiantou muito. Senti algo pesado atingir meu braço direito. Quando olhei para o chão depois do susto, percebi que era um álbum de fotos que tinha montado há pouco mais de um ano. Hoje em dia, álbuns não são muito comuns, mas aquele foi um brinde de Natal de um shopping. Aproveitei a oportunidade para revelar algumas fotos legais do ano e montar o álbum. Sinceramente, nem lembrava mais dele.

O álbum estava aberto em uma foto da festa de 15 anos de duas amigas. Eu aparecia no meio da pista de dança, abraçada às minhas oito amigas, formando um círculo. Lembrei daquele momento: tínhamos acabado de ler os textos que preparamos como homenagem às aniversariantes. Todas estávamos emocionadas, choronas e nervosas. Afinal, a festa inteira estava de olho em nós.

Naquele dia, me arrumei na casa de uma das meninas da foto. Não era só sobre ficar bonita para a festa; era também sobre as risadas, a comida e as palhaçadas enquanto nos preparávamos. A cerimônia era minha parte favorita — era o que dava significado à festa.

Embora tenha feito 15 anos alguns meses antes, optei por não fazer festa. Não que não achasse legal, mas, na época, viajar me parecia mais interessante. Ainda assim, participei de todos os preparativos para a homenagem às aniversariantes. Escrever os textos foi emocionante, mas o nervosismo de falar em público crescia à medida que a festa se aproximava. O que me tranquilizava era saber que não estaria sozinha naquele momento tão especial para elas.

Chegamos ao salão e fomos recebidas pelas aniversariantes, que tiravam fotos com os convidados. O salão, decorado em rosa e dourado, parecia mágico. Apesar dos tropeços (literalmente) causados pelo salto alto, tudo estava perfeito.

Depois do jantar, começaram as homenagens. Primeiro os pais, depois os avós, e então nós, as amigas. Quando chegou minha vez, peguei a prancheta com o texto. Estava nervosa, suando, com medo de errar. No fim, mesmo com as pausas longas e gaguejadas, foi lindo. As homenageadas

sorriram e choraram, e os convidados aplaudiram.

O momento do abraço da foto foi como uma retrospectiva instantânea de tudo o que vivi com aquelas meninas: o carinho, a cumplicidade, a felicidade compartilhada. Percebi que, embora nunca tivesse sido a maior fã da escola, ela me deu algo inestimável: amizades verdadeiras.

Não sei quanto tempo fiquei olhando para aquela foto, imersa em memórias tão boas. Só saí desse estado quando minha mãe gritou, apressando-me. Guardei o álbum e prometi a mim mesma que voltaria para revisitar aquelas lembranças mais tarde — e quem sabe até começar a criar mais álbuns. Fotos impressas, percebi, têm algo especial.



Calcei meu salto, finalmente pronta, e desci para me juntar às pessoas que amo. Entre elas, as meninas da foto, que continuam sendo parte essencial da minha vida e da minha história.

O passeio no parque, os amigos e a máquina de refrigerantes.

João Felipe Rebuski Estrada

Era uma manhã de terça-feira atípica: grande movimentação de pessoas no colégio às 5 horas da manhã. O motivo? Uma excursão para o parque de diversões Beto Carrero World. O entusiasmo dos alunos era visível, mesmo naquele horário em que normalmente todos ainda estariam dormindo.

Eu cheguei cedo, ansioso, procurando algum colega de turma para conversar enquanto aguardava o embarque. Depois de uma busca frustrada, desisti e me conformei com a ideia de assistir a algum filme qualquer durante a viagem.

O trajeto passou rápido e terminou com um aviso do coordenador: qualquer aluno encontrado sozinho no parque deveria passar o restante do dia acompanhando os funcionários do colégio. Para mim, aquilo era um impasse. Descemos do ônibus por volta das 10 horas, e lá fui eu, olhando ao redor em busca de um grupo para me juntar. Passei uns quinze minutos nessa tarefa, mas hesitei em me aproximar de qualquer um, não por arrogância, mas por aquele receio de quem já não confia muito em si mesmo para fazer novos amigos.

Foi então que, saindo do banheiro, avistei um grupo de quatro amigos examinando o mapa do parque. Meio sem jeito, aproximei-me e perguntei ao que estava mais próximo se poderia me juntar a eles. Ele consultou os outros, e, com um aceno de cabeça, concordaram. Agora éramos cinco: Artur, Mateus, Luca, Eduardo e eu.

A primeira missão do grupo foi explorar o Portal da Escuridão. Confesso que não era algo que me atraía, mas segui o grupo, ainda tímido. Acabou sendo mais divertido do que eu imaginava: todos correndo e rindo dos sustos até a saída. Antes do meio-dia, já parecia que éramos amigos de longa data.



Por volta das 14 horas, Artur e eu decidimos nos separar do grupo temporariamente. Nosso objetivo? Encontrar uma máquina de refrigerantes da Guaraná Antarctica que havíamos visto mais cedo. Era uma decisão irracional, considerando que havia inúmeras lojas vendendo refrigerantes. Mas, como acontece com crianças (e, às vezes, com adolescentes), transformamos aquilo em uma missão épica, uma caça ao tesouro de vida ou morte.

Andamos em círculos pelo parque, revisitando as mesmas áreas e até repetindo brinquedos no caminho. Perguntei a, pelo menos, três funcionários sobre a localização da máquina, mas não tivemos

sucesso. O tempo passou, e, eventualmente, desistimos da busca. Ligamos para os outros meninos e marcamos de nos encontrar na área do Madagascar, perto do zoológico.

E foi lá, ironicamente, que encontramos não uma, mas quatro máquinas de refrigerantes. Rimos muito da nossa “jornada” e celebramos tirando uma foto com o que apelidamos de “nosso templo sagrado das latas de refrigerantes”.

Havia muito tempo que eu não fazia algo tão despretenso, sem motivo claro, simplesmente pelo prazer de estar ali, vivendo o momento. Reunimos o grupo novamente e aproveitamos o restante do dia até o anoitecer.

Quando chegou a hora de partir, despedimo-nos à saída do parque. Senti um leve aperto no peito ao pensar: “*Talvez não nos vejamos mais.*” Mas também veio uma sensação de conforto: sabia que ainda havia muitos amigos por aí que eu não conhecia — e que talvez a vida me proporcionasse novas jornadas improváveis, como aquela.

O Legado da Sala de Estar

Júlia Monkolski Tatarem

Lembro-me de não chorar. Congelei quando me deram a notícia, até que alguém me envolveu em um abraço forte, cujo desejo de acolhimento parecia incerto naquele momento. A partir desse ponto, minha memória se torna embaçada. O velório aconteceu alguns dias depois, e passei a tarde evitando falar, mas permaneci até o final.

Desde que me entendo por gente, minha avó era minha melhor amiga. Cresci na casa ao lado e a visitava quase todos os dias. Assim que voltava da escola, corria para abraçá-la. Sempre a encontrava sentada no sofá da sala, tricotando ou fumando — muitas vezes, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo.

Minha avó tinha cabelos curtos e grisalhos, escondidos pela tinta escura que aplicava toda semana. Apesar da expressão cansada, que frequentemente a fazia parecer perdida em pensamentos distantes, sua personalidade irradiava alegria. Era notoriamente esquecida: vivia perdendo peças de roupa, deixando o telefone em algum lugar qualquer e esquecendo a televisão ligada durante a noite. Mas, em meio à memória frágil, guardava informações cruciais: o esconderijo dos maços de cigarro, o horário exato da novela e, ainda que distorcidas, as lembranças de sua infância e de seu casamento.

Desde a primeira vez que me sentei ao seu lado, percebi que não havia nada melhor. Às vezes, conversávamos por horas; outras, sentávamos em silêncio. Também havia dias em que eu bagunçava tudo até ela brigar — mas, na verdade, ela nunca brigou de verdade. Quando me cansava, voltava para o sofá. Foi ali que cresci, aprendi a jogar baralho e perdi todas as partidas para ela.



A casa da minha avó era um refúgio.

Encontrei ali um aconchego único, nos sofás antigos com estampas de flores desbotadas, nos quadros que decoravam as paredes e até mesmo no cheiro desagradável de cigarro que permeava o ambiente. Ela me recebia com um carinho maternal, e sua casa tornou-se, inevitavelmente, minha segunda casa.

E foi exatamente por isso que sua partida doeu tanto. Meses depois, quando finalmente entrei na casa vazia, senti uma onda de náusea. Ao entrar na sala, tudo parecia diferente, distante. Sentei no sofá, e, enquanto o único som que ouvia era o vento balançando a cortina atrás de mim, uma constatação me atingiu: minha avó esteve sozinha por muitos anos. Sem marido, com uma filha que

quase não tinha tempo, ela vivia em um cotidiano solitário.

Eu estive lá por ela, mas não parecia o suficiente. Talvez ela tenha se acostumado. Talvez não. O que eu sabia, com certeza, era que nunca me acostumaria a estar ali sem ela.

Era naquele sofá, sentada ao meu lado, que ela me contava as histórias do legado que deixou para trás. Era naquela sala de estar que eu me sentia em casa. E é naquela sala que entro todos os dias, porque é lá que a memória dela viverá eternamente.

O tempo que compartilhamos foi curto, mas precioso. Nossa relação foi repleta de amor, carinho e momentos que, mesmo distorcidos pelo passar dos anos, permanecem vivos em meu coração. A saudade que minha avó deixou é a forma como mantenho viva a lembrança dela — a lembrança de uma melhor amiga.

Se não der pé

Larissa Francisco Marques

Todos amam a praia, menos aqueles que vivem nela. Eu, nascida em Curitiba — onde o máximo de água que vemos é a que cai do céu —, amava a praia.



Na areia, era possível ver meu pai tomando cerveja, minha mãe tomando sol, meu avô saboreando um picolé de tapioca, e minha avó bebendo água de coco. Se eu ficasse ali com eles, o máximo que tomava era um puxão de orelha. Afinal, quando se é criança entre adultos, é fácil ser vista como agitada demais. Talvez porque ainda não tenha aprendido a apreciar a beleza das coisas com paciência, ou porque a vida, naquela idade, é mais sobre o que está acontecendo agora do que sobre o que está por vir. De qualquer forma, o que eu gostava mesmo era de estar no mar.

A praia que frequentávamos era a Praia de Camburi, em Vitória, no Espírito Santo, cidade natal do meu pai. A água era gelada, mas suportável. Sempre suportamos qualquer coisa, dependendo da recompensa. Havia uma pequena ilha a poucos metros da orla, mas eu não podia nadar até lá. Mesmo assim, eu me deixava flutuar, entregando-me às ondas e à sensação de ser minúscula diante da imensidão do mar.

Nunca me afastava muito. Minha recompensa por estar no mar era a liberdade, mas não sem limites. Esses limites, definidos pela minha mãe, eram claros: eu só podia ir até onde as crianças mais velhas estavam brincando. Segundo ela, depois disso, "não dava pé" para mim.

Depois de um longo dia na praia, voltávamos para a casa dos meus avós. Eu tomava banho em um

box que envolvia uma banheira — outra coisa que também não podia usar. Enfim, os limites. Quando todos estavam limpos e prontos, minha avó preparava um café simples, mas delicioso: pão francês, queijo de corte, presunto, e às vezes um bolinho comprado na padaria.

Assim os dias seguiam, todos iguais, até o momento de pegar o avião de volta para Curitiba. Quando a saudade da liberdade me atingia, eu improvisava. Pegava um barril vazio de cerveja, enchia-o de água até a boca, e me acomodava ali por horas. Só saía quando minha pele estava tão enrugada que parecia que eu poderia me espremer como uma esponja. Mas, claro, o barril era minúsculo — tão minúsculo quanto eu dentro do mar.

O barril nunca foi como o mar. Nunca tentou ser. Eu, por outro lado, buscava incessantemente aquele momento que já tinha passado, aquele "eu" que não existia mais e que, sem saber, nunca mais existiria.

No ano de 2018, depois de uma viagem, meus pais se separaram. Houve uma ruptura entre mim e meus avós, e desde então, nunca mais voltei à praia. Pelo menos, não àquela praia.

Com o tempo, fui me distraindo com outras coisas, tentando encontrar aquela sensação de ser tão pequena, quase insignificante. A sensação de estar fora de controle, mas de, ainda assim, dominá-lo. Passei a admirar e a me perturbar com as ondas, não do oceano, mas do meu corpo. Minhas mãos deslizavam pela barriga, dançando sobre as ondulações. Nelas, eu me perdia, me deixava levar, sem pensar na profundidade. Não havia limites.

Até que, um dia, não deu pé.

As Reflexões da Praia

Mariana Monkolski Tatarem

A praia é um ótimo lugar para refletir. Não que eu viva perto de uma, muito menos que minhas idas até lá sejam frequentes. Talvez seja justamente isso que a torne tão especial para mim. É algo sobre o silêncio inexistente, abafado pelo som das ondas. Sobre a rotina tranquila, a calma, a ausência de preocupações. É também sobre a família.

Família é a companhia que aprendemos a ter desde pequenos. Vivemos ao lado daqueles que nos cuidam, nos tornamos quem somos a partir de seus ensinamentos, e é deles que recebemos nossas primeiras tradições.

Meus pais, junto com seu grupo de amigos, cultivam o hábito de ir à Ilha do Mel no primeiro mês de todos os anos. Esse ritual já acontece há dez anos, mas nossa participação se resume a cinco ocasiões. Os amigos têm filhos de idades próximas, e isso sempre tornou as viagens mais dinâmicas. Ou, pelo menos, até certo ponto.

As primeiras idas seguiam um padrão quase ritualístico. A viagem começava numa sexta-feira, saindo de Curitiba cedo pela manhã. Chegávamos em Pontal do Sul por volta das onze horas, fazíamos a travessia, e já estávamos na ilha na hora do almoço. As outras famílias, que conseguiram tirar férias mais longas, já estavam instaladas, relaxando à beira-mar. Acampamos em um camping — mais barato e, diga-se de passagem, mais divertido. Montamos as barracas, organizamos as malas, e pronto: estávamos oficialmente de férias.



A partir daí, a rotina se tornava mais maleável. Almoçamos, eu e minha irmã Júlia fomos para o mar, aproveitamos o dia, assistimos ao pôr do sol, e depois voltamos para o camping. A curta distância entre a água e o local de estadia, cerca de cento e cinquenta metros, facilitava o vai e vem. O camping em si era compacto e acolhedor: barracas logo na entrada, a casa dos donos à direita, uma cozinha comunitária em frente, e, ao fundo, os banheiros e chuveiros.

Marisa e Carlos, os donos do camping, tinham uma regra rígida: nada de barulho alto após às dez da noite. Isso fazia com que, frequentemente, as conversas noturnas migrassem para a praia. Era

lá, com o som das ondas quebrando, algumas pessoas conversando, e uma música ao fundo, que percebi algo inquietante: se não fosse pela minha família, eu estaria sozinha.

Os filhos dos amigos dos meus pais são pelo menos dois anos mais velhos que eu e Júlia. Hoje, essa diferença parece irrelevante, mas na época ela criava um abismo. Eles eram velhos demais para nós; nós, novas demais para eles. Essa distância moldou nossa interação desde o início e deixou marcas permanentes.

Em 2022, de 6 a 9 de janeiro, viajamos novamente. Dessa vez, meus pais conseguiram tirar férias que permitiram uma estadia mais longa, de quatro dias. Como sempre, fomos os últimos a chegar. Por mais que os outros adolescentes tentassem nos incluir, parecia que não pertencíamos ao grupo. Não era culpa deles.

Júlia sempre foi minha principal companhia nessas viagens. Nossa relação de irmãs é ótima, mas a ausência de outras pessoas às vezes pesava. Um convite para um jogo de futebol na areia era frequentemente recusado — minha habilidade no esporte é risível, e a de Júlia não é muito melhor. Apesar das boas intenções, a falta de integração era evidente para todos.

Não era só um jogo, nem só um dia. Era um padrão. A dificuldade de nos enturmarmos foi algo que aceitamos com o tempo. Não sou muito boa em fazer amigos, e Júlia também não. Isso tornava nosso tempo juntas mais confortável, mas criava tensão quando discordávamos. Por outro lado, eu não queria ocupar o espaço dos meus pais. Era o momento deles, um tempo raro e precioso entre amigos.

Não seria justo culpar os outros adolescentes, nem Júlia, muito menos meus pais. A dificuldade de socialização é um processo complexo, que nem sempre traz os resultados esperados. Não se deve forçar uma intimidade, mas também não dá para viver em isolamento.

Enquanto o mar ia e vinha, meus pensamentos se agitavam com todas essas preocupações. No dia seguinte, eu e Júlia estávamos sentadas, olhando para o horizonte. Conversávamos sem pressa, como quem sabe que as palavras não são o mais importante. Foi naquele momento que senti uma gratidão profunda pela minha família — e, especialmente, pela minha irmã.

As Horas

Mariana Vitória Gogola

A bagunça era o primeiro sinal de que a brincadeira estava boa. Junto a ela, claro, vinham as vozes elevadas e as onomatopeias que tornavam o faz-de-conta mais real. O barulho de um helicóptero. O derrapar de um carrinho de plástico. O relinchar de unicórnios. O soar da imaginação.

Brincávamos, meu irmão e eu, como no dia anterior e no dia seguinte. Durante a infância, o tempo livre parecia ser todo o tempo. Com exceção das "horas".

— Criançada! Hora de comer! — avisava nossa mãe.

O comando era sempre atendido, mas seguido de reclamações. A história do dia ficaria inacabada! Fosse um vilão que nossos bonecos estivessem combatendo ou um reino novo prestes a ser descoberto, sempre precisávamos de mais tempo. Mas a regra era clara: depois do almoço, vinha a "hora de ir para a escola".



Apressados, devorávamos qualquer coisa que estivesse nos pratos, tentando achar uma brecha para continuar nossa narrativa. Mas a estratégia nunca funcionou. No máximo, rendia uma bronca cheia de palavras misteriosas: digestão, saúde, devagar...

— Raspem bem o prato — orientava nossa mãe novamente. — E guardem os brinquedos antes de escovar os dentes.

Sempre em dupla, deixávamos a mesa. Guardar os brinquedos não era tão ruim assim, porque servia de desculpa para brincar mais um pouco.

O helicóptero "voava" para dentro da caixa. O carrinho "capotava" em direção à estante. Os unicórnios se despediram uns dos outros, indo "dormir" em um canto do quarto. Ficavam ali, prontos para serem bagunçados de novo.

Como o tique-taque de um relógio, cada brinquedo repetiria esse processo — sem previsão de fim — por anos. Sair da caixa, entrar na caixa. Meu irmão e eu também. Compareceríamos à "hora de acordar", à "hora de dormir" e às suas semelhantes, todos os dias.

Com o tempo, as costuras das pelúcias se soltariam. Soldados abatidos seriam, com pesar,

descartados. Aos poucos, os brinquedos ficariam, cada vez mais, no lugar.

Nós dois aprenderíamos a entender um relógio de ponteiros e a numerar as horas corretamente. As horas se tornaram nossas, e nossa mãe daria cada vez menos ordens.

O que permaneceria seriam as reclamações. A história do dia ficaria inacabada! Mas a regra era clara: depois da infância, era a "hora de crescer".